



HENRI CAFFAREL

1903-1996

Textos escolhidos

Tema de estudo
para o ano 2008/2009

Prefácio

A primeira reunião da primeira Equipa de Nossa Senhora data de 25 de Fevereiro de 1939. Assim, neste ano de 2008/2009 celebramos os 70 anos do Movimento data que, obviamente, merece ser recordada. E que melhor iniciativa do que proporcionar, a todos os equipistas que o pretendam, um aprofundamento do pensamento do Padre Henri Caffarel, fundador das ENS ?

Por isso aqui fica a nossa proposta para o Tema de Estudo para este ano.

Finalmente, queremos expressar o nosso agradecimento à Supra-Região França que teve a feliz ideia de editar este tema em 2003, na data do centenário do nascimento do Padre Caffarel.

21 de Junho de 2008

A Equipa da Supra-Região Portugal

HENRI CAFFAREL

1903-1996

Textos escolhidos

Tema de Estudo das
EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

As “intuições fundadoras” de um movimento são o solo fecundo em que enraíza a grande árvore em que ele se tornou, onde ele vai buscar alimento para viver e crescer. Era o que dizia o Padre Caffarel quando, em 1973, colocava em outras mãos a animação das Equipas de Nossa Senhora. É sempre interessante voltar a esse húmus primitivo. Acolhamos este ano do centenário do nascimento do fundador como um convite a reler os seus textos para encontrar o carisma inicial a que ele voltava sem cessar. O Padre Caffarel nunca deixou de reflectir na vocação e na missão dos casais cristãos e de falar delas aos equipistas.

De entre os seus editoriais publicados na “Carta Mensal”, escolhemos alguns daqueles que, quando foram publicados, mais marcaram os espíritos e os corações. Como o doutor da lei instruído de que fala o Evangelho, fomos buscar a esse tesouro coisas velhas que a muitos parecerão novas e maravilhosas. Apresentados sob a forma de tema de estudo em oito capítulos, possam estes textos alimentar em todos os que os meditarem a “procura de Deus” em casal, de que o Padre Caffarel se fez apóstolo e de que foi “profeta”, como dizia o Cardeal Lustiger.

INTRODUÇÃO

Henri Caffarel nasce em Lyon a 30 de Julho de 1903 no seio de uma família cristã. Faz os seus estudos no colégio dos Maristas. Aos vinte anos, o seu “encontro” com Cristo decide a sua vocação sacerdotal. Depois dos anos de formação, em que dá tanto lugar à oração interior como ao estudo, é ordenado presbítero pelo Cardeal Verdier a 19 de Abril de 1930.

Primeiramente ao serviço de Acção Católica, rapidamente se liberta deste ministério para se consagrar àquilo que esteve desde o início no centro da sua vocação: a formação espiritual dos cristãos. Prega retiros nas escolas e orienta muitos jovens que vão ter com ele. Quando se casam, esses jovens continuam a ir ter com ele para ele os aconselhar na sua vida de jovens casados. É assim que em Fevereiro de 1939 se reúne com um grupo de quatro casais, a quem diz: “Procuraremos juntos o caminho de santidade para os casais”. Assim nasce a espiritualidade conjugal fundada no sacramento do matrimónio.

No meio das provações da guerra de 1939-45, depois na euforia do pós-guerra, as equipas de casais multiplicam-se. Para aprofundar a sua primeira intuição sobre a espiritualidade conjugal e propagá-la amplamente, o Padre Caffarel, funda, em 1945, uma revista, *L'Anneau d'Or*.

Em 1947, dá aos grupos de casais uma Carta que faz deles um movimento estruturado, as Equipas de Nossa Senhora, com o seu órgão, a “Carta Mensal das ENS”. Lançou também um movimento para as jovens viúvas de guerra com uma pequena revista: *Offertoire*.

A direcção destas revistas e a animação destes movimentos absorve o seu tempo e as suas forças. Mas não perde de vista a sua preocupação constante: levar os leigos — e, em primeiro lugar, os casais das Equipas de Nossa Senhora — a uma autêntica vida espiritual, incitando-os à oração quotidiana. É por isso que lança, em 1957, uma nova revista, *Cahiers sur l'oraison*, que, tal como *L'Anneau d'Or*, vai conhecer um público internacional. Aproveitando uma oportunidade que se lhe oferece, abre, em 1966, uma “escola de oração” em Troussures, perto de Beauvais, onde todos os anos anima “semanas de oração”.

As Equipas de Nossa Senhora espalham-se pelos cinco continentes. A sua vida é ritmada pelos grandes encontros internacionais. O Padre Caffarel tem a grande alegria de, na peregrinação a Roma em 1970, ver reconhecidas pela Igreja as suas grandes intuições sobre a santidade do casal cristão: trata-se do importante discurso de Paulo VI às Equipas de Nossa Senhora, a 5 de Maio desse ano. A revista *L'Anneau d'Or* acaba (em 1967), mas os seus esforços, apoiados na experiência das Equipas, deram os seus frutos.

Em 1973, o Padre Caffarel completa 70 anos. Deixa em mãos mais jovens a responsabilidade das Equipas de Nossa Senhora e consagra-se inteiramente à paixão

da sua vida: iniciar os cristãos à oração interior para os levar ao encontro pessoal com Cristo. Fáz-lo através dos seus *Cahiers sur l'oraison*, através do seu *Curso de oração por correspondência*, das suas obras (ver bibliografia no fim desta brochura), das suas semanas de oração em Troussures ainda durante mais de vinte anos. Morre em Beauvais a 18 de Setembro de 1996. Repousa no pequeno cemitério de Troussures.

A Equipa de Investigação e Reflexão

PLANO DO TEMA

Este tema está dividido em 8 capítulos:

1. Desejar
2. Alimentar-se
3. Rezar
4. Lutar
5. Construir o casal
6. Construir a equipa
7. Viver o quotidiano
8. Preocupar-se com os outros

Para alimentar a nossa reflexão, cada capítulo é composto por vários textos do Padre Caffarel, reproduzidos aqui na sua versão original.

Seguem-se:

- pistas para a troca de impressões em casal
- pistas para a troca de impressões em equipa. Estas são apenas propostas; cabe a cada casal e/ou equipa reformulá-las
- um texto de meditação para a oração na reunião
- uma proposta para viver a entreaajuda.

A Equipa Responsável da Supra-Região França-Luxemburgo-Suíça decidiu acentuar este ano o esforço de entreaajuda, na linha da Carta: “Não será ilusório pretender ajudar os amigos a viverem uma vida espiritual se não os ajudarmos primeiro a vencer as suas preocupações e dificuldades? É por isso que os casais das Equipas de Nossa Senhora praticam amplamente a entreaajuda, tanto no plano material como no plano espiritual, obedecendo à grande instrução de S. Paulo: ‘Carregai as cargas uns dos outros e assim cumprireis plenamente a lei de Cristo’ (Gl 6,2)”. Daí as sugestões que se encontram no final de cada capítulo.

1. DESEJAR

Uma das condições para se entrar nas Equipas de Nossa Senhora é ter o desejo de progredir espiritualmente — pessoalmente e em casal. Este desejo pode enfraquecer e perder-se nas areias do hábito e da rotina. É indispensável mantê-lo e renová-lo. O Padre Caffarel lembra-o repetidamente.

Que vindes fazer às Equipas?

Já em 1948 o Padre Caffarel põe diante dos olhos dos equipistas a grande figura de S. Paulo e a sua apaixonada procura de Cristo.

«Durante as últimas férias, dei inúmeros e longos passeios solitários na floresta. Levava comigo as epístolas de S. Paulo. Mais uma vez, fiquei impressionado com o indefectível afecto do Apóstolo a Cristo.

Durante essas leituras, vós estáveis, queridos amigos, muito presentes na minha meditação, e impunha-se-me o assunto do próximo bilhete que vos ia dirigir: Nas Equipas de Nossa Senhora, é preciso visar o essencial. As trocas de pontos de vista, as amizades sólidas, a entajuda material e moral, nada disso é o objectivo principal. **O essencial é procurar Cristo.** Infelizmente, as palavras estão gastas; receio que a expressão “procurar Cristo” não desperte em vós senão um eco muito fraco.

Aqui seguem alguns textos — mas que digo eu? — alguns gritos de S. Paulo que vão mostrar-vos o que é procurar Cristo e, tendo-O encontrado, dar-se todo a Ele.

S. Paulo é habitado pela caridade: “O amor de Cristo absorve-nos completamente” (2 Cor 5,14). “Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? [...] Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores” (Rm 8,35-37).

Acontece-lhe, como a todos nós, encontrar-se diante da alternativa: agradecer aos homens ou agradecer a Deus. A sua decisão está tomada: “Se ainda pretendesse agradecer aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1,10). “Nós somos loucos por causa de Cristo” (1 Cor 4,10).

Cristo é o pólo da sua vida. Mas ele não hesita em sacrificar as comodidades da sua intimidade para ir ao encontro dos irmãos a fim de que, por sua vez, também eles pertençam ao seu mestre: “Estou pressionado dos dois lados: tenho o desejo de partir e estar com Cristo, já que isso seria muitíssimo melhor; mas continuar a viver é mais necessário por causa de vós” (Fl 1,23-24).

Não é poupado a sofrimentos vários, e conhece mesmo horas de angústia. Mas reage: “Sei em quem acreditei” (2 Tm 1,12). Percebeis tudo o que estas palavras contêm de coragem heróica e de ternura de coração? A sua vida só

tem uma razão de ser. Manter-se-á fiel até ao martírio: “É necessário que Ele reine” (1 Cor 15,25).

Nós estamos certamente bem longe de tal santidade. Mas a questão é saber se queremos ou não ser possuídos pela mesma paixão abrasadora. E, voltando às Equipas, se é isso que vindes procurar **em primeiro lugar**, se esse desejo está presente nas vossas trocas de pontos de vista, nas vossas orações, se ele é realmente a razão de ser da vossa amizade e da vossa entreajuda».

(Carta mensal, Novembro 1948)

Objectivo nº 1

Dois anos mais tarde, o padre Caffarel volta a este assunto, por ocasião das Jornadas de responsáveis de equipa. Depois de ter verificado o bom desenrolar destas Jornadas, regista o sentimento dominante: “As Equipas de Nossa Senhora estão solidamente constituídas”. Mas para voltar com insistência ao seu primeiro objectivo.

«Se vos falo destas Jornadas, não é tanto para vos convidar a cantar vitória mas antes para vos pedir que intensifiquéis o esforço. E, antes de mais, que **aponteis na direcção correcta**. Quero dizer, que façais bem o discernimento do objectivo a fim de tenderdes para ele.

E qual é esse objectivo?

Será a entreajuda fraterna, no plano material e no plano espiritual? — Nunca é demais repetir: amai-vos e ajudai-vos é a lei de Cristo. Mas, no entanto, não é esse o nosso objectivo nº 1.

Será o estudo do pensamento cristão? — Nunca ele será demasiado incentivado: não há cristianismo sem uma fé esclarecida, alimentada, viva. Mas, nas Equipas, também não é este o objectivo nº 1.

Será a aprendizagem da oração? — Este papel importante dado à oração é, de facto, um aspecto característico das nossas Equipas. Mas, mais uma vez, não é esse o objectivo nº 1.

O objectivo nº 1, embora englobando estas metas, excede-as e ultrapassa-as: é a **união a Cristo**.

União a Cristo significa:

Imitação de Cristo, em todas as horas e em todas as actividades da vida.

Comunhão na paixão e na vitória de Cristo.

Identificação com Cristo, até poder afirmar, com S. Paulo: já não sou eu que vivo, que amo, que sofro, que rezo: é Cristo que em mim vive, ama, sofre e reza.

É este o objectivo nº 1¹.

Compreendeis agora por que vos peço tantas vezes que considereis a vossa pertença às Equipas como algo de essencial na vossa vida? Não é essencial estar inscrito num clube de alpinismo, aderir a tal associação de antigos alunos, etc. Mas, se a união a Cristo é para vós o **essencial**, e se as Equipas de Nossa Senhora vos parecem ser o **meio providencial** para o conseguirem, então digo que as Equipas devem ocupar um lugar essencial na vossa vida.

Aqui não há lugar para amadorismos!».

(Carta mensal, Fevereiro 1950)

Por Deus

Mais um texto forte do Padre Caffarel para repetir a orientação fundamental que deve guiar o casal que entra para as Equipas de Nossa Senhora. Depois de ter lembrado a importância da intenção, acrescenta:

“Que diversidade de intenções, no fundo dos corações, em certas equipas! Um vem mais ou menos puxado pelo cônjuge e para lhe agradar; aquele casal, recém-chegado à cidade, fica feliz por nela fazer novos conhecimentos; outro decidiu-se “porque é preciso fazer alguma coisa”; encontramos também, muitas vezes, o caso do casal atraído pela esperança de encontrar um certo apoio para a sua vida conjugal; e talvez mesmo, em certas cidades, seja de bom tom fazer parte das Equipas.

E depois há aqueles que não têm intenção, que já não vêm senão por rotina, para não desgostarem os seus coequipistas com a sua debandada.

Pois eu digo-vos que nenhum destes motivos justifica a presença numa equipa. Alguns não são maus, mas nenhum é o verdadeiro, nenhum corresponde à razão de ser do Movimento. É normal que um ou outro destes motivos acompanhe o verdadeiro, mas nenhum deveria ser o motivo determinante.

A única intenção verdadeira, a que corresponde à finalidade das Equipas, é a vontade de conhecer Deus melhor, de O amar melhor, de O servir melhor. Vem-se para as Equipas por Deus e fica-se nelas por Deus. O motivo da entrada e da permanência na equipa é religioso, ou seja, diz respeito a Deus.

Aliás, como podem os equipistas pretender aceitar a Carta — estou a pensar na primeira parte desta — se não for esse o seu motivo? Bem sei que, a longo prazo, os motivos se tornam anémicos e, por vezes, de forma imperceptível, são cobertos e asfixiados pelo joio dos motivos secundários ou falsos — de forma

¹ Dir-me-eis talvez que isto não é original, que este objectivo é também o de muitos outros grupos. É verdade, e não pretendemos monopolizá-lo. A nossa originalidade está noutra coisa. Está nos meios para atingir o objectivo. Mas essa é outra questão. Voltaremos a falar nisso.

que o casal, ou a pessoa, que entrou com uma intenção verdadeira pode já não se encontrar na equipa senão por uma razão secundária ou não válida.

Por isso, é preciso verificar muitas vezes, nas reuniões mensais, para onde cada um está orientado. É ao Responsável e ao Conselheiro Espiritual que compete lembrar a razão de ser das Equipas, nomeadamente na reunião de balanço e antes da renovação anual do compromisso (do qual este é um dos principais significados) e depois, ao longo do ano, retomando a leitura, se não de toda a primeira parte da Carta, pelo menos sucessivamente de algumas das frases que definem os grandes eixos espirituais do Movimento.

Como quereis que uma equipa em que há disparidade de intenções — pensai nas várias razões que enumerei atrás — não venha um dia a conhecer uma grave crise? Ela é habitada por forças (ou fraquezas) divergentes, opostas, incompatíveis. Basta um pequeno acontecimento para desencadear tensões, fazer os membros afrontarem-se, precipitar a inevitável crise. Muitas vezes atribuir-se-á este estado de crise a razões falsas: maus caracteres, faltas de caridade, divergências de gostos, quando, de facto, a causa é muito mais radical: a disparidade das intenções.

Então, todos os remédios não passarão de paliativos, mesmo os esforços de caridade fraterna, se cada um não se comprometer a converter as intenções — ou a retirar-se. A lealdade exige que os membros de um Movimento só entrem e permaneçam nele se a sua intenção corresponder ao ideal que o Movimento propõe.

Como as nossas equipas seriam fortes, santificadoras e radiosas se todos os membros não entrassem nelas nem nelas se mantivessem senão **por Deus**.

(Carta mensal, Dezembro de 1962)

Para a troca de impressões em casal

- Escreva cada um por seu lado o que a palavra santidade sugere e, a seguir, conversem sobre o assunto.
- Somos animados por um desejo de santidade para nós e para o nosso cônjuge? Este desejo continua vivo e activo em nós ou está inexistente e adormecido? De que forma pensamos poder despertá-lo?
- Por que entrámos nas Equipas de Nossa Senhora? Por que permanecemos? (Cada um poderá explicar como sente a motivação do outro).

Para a troca de impressões em equipa

- O Concílio Vaticano II lembrou que todos os homens são chamados à santidade. De que se trata quando se fala de santidade? Que nos sugere a palavra santidade? Estamos todos de acordo, na equipa, quanto a uma definição (ou descrição) de santidade?

- Como permitir que outros descubram que também eles são chamados à santidade?
- Retomar em equipa o que da troca de impressões em casal pode ser partilhado e, cada um por sua vez, expressar as motivações profundas da sua pertença às Equipas de Nossa Senhora.

Oração na reunião (Mt 5,43-48)

A perfeição está no amor.

Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores. Porque, se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem já isso os cobradores de impostos? E, se saudais somente os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não o fazem também os pagãos? Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste.

Para viver a entreaajuda

Em função do que foi discutido, fixar em equipa um meio concreto para fazer crescer o nosso desejo de Deus.

2. ALIMENTAR-SE

A vida em Cristo exige ser constantemente alimentada. Caso contrário, estiola e corre o risco de se apagar à primeira borrasca. Mas não se trata apenas de ir vivendo: aquilo para que se aponta é uma vida em plenitude, é esse extravasamento de vida que é a vitalidade. Esta foi a preocupação permanente do Padre Caffarel: desenvolver a vitalidade teológica das pessoas e dos casais; levá-los, pois, a alimentar-se espiritualmente.

Porquê tantos fracassos?

O Padre Caffarel gosta de actuar como um médico: alguém que ausculta a realidade para fazer um diagnóstico e propor os remédios adequados. Que verifica ele? “Quantos inícios de vida alegres e cheios de promessas nós testemunhámos! E vinte anos depois, quantos fracassos, secretos ou públicos”. Diagnóstico: mediocridade e tibieza. A causa: falta de alimento. Os remédios: a Eucaristia, a Palavra de Deus, a meditação.

«A explicação parece impor-se. Assim como o organismo físico definha quando as necessidades essenciais não são satisfeitas (privado de água, desidrata-se rapidamente; de alimento, torna-se anémico; se falta o sono, a depressão nervosa espreita-o; se falta o oxigénio, asfixia), também o organismo espiritual, frustrado nas suas necessidades vitais, apresenta fenómenos idênticos: anemia espiritual, diminuição da vitalidade, perda do gosto pela vida interior. Para dizer a verdade, muitas vezes o interessado não tem consciência da alteração da sua saúde moral. Mas quando vem uma epidemia — quero dizer uma tentação — é a catástrofe. Toda a gente se espanta diante da queda brusca. Na realidade, ela não é brusca senão aparentemente: vinha-se preparando desde longa data. Quantas vezes ouvi dizer: “Durante vinte anos, era um casal que era apresentado como exemplo, e bruscamente...”. Não, bruscamente não: há muito tempo que estava num estado de menor resistência.

Muitas são as necessidades vitais do organismo espiritual. Há três que me parece urgente recordar. Os ensinamentos dos autores espirituais, mas ainda mais a experiência de vinte e cinco anos de vida sacerdotal, convenceram-me da sua imperiosa necessidade.

A nossa geração — teoricamente — não merece a censura de subestimar a Eucaristia. Ela nasceu para a vida cristã logo a seguir aos decretos de Pio X sobre a comunhão precoce e frequente. Rapazes e raparigas adquiriram o hábito de comungar ao domingo, muitos mesmo de semana. Mas quantos abandonam a comunhão quando ela lhes seria mais necessária: para vencerem as dificuldades da vida conjugal, para encararem os perigos dos compromissos políticos, para triunfarem sobre o materialismo ambiente, para serem preservados desta queda no meio da vida “que se faz voluntariamente por tédio... porque o caminho é longo e porque o fim está longe, porque se está só e a consolação não existe” (Caudel).

Não é por acaso que, para Se nos dar, Cristo tomou pão e não uma iguaria rara: o pão é um alimento quotidiano. Os cristãos todos os dias pedem ao Pai o Pão insubstituível. Incoerentes, negligenciam a sua procura. Julgarão poder viver sem comer?

Há outro alimento, não menos necessário ao organismo espiritual do que a Eucaristia, ainda mais negligenciado: a Palavra de Deus (Antigo e Novo Testamento). Incitaram-se os católicos a comprar a Bíblia, e eles fizeram-no. Ela lá está, na mesa de cabeceira, a servir de soco ao candeeiro. Mas será que a abrem? Ora o amor tem necessidade de expressão, de permuta, de comunicação. Julgais que resistirá muito tempo o amor entre aquele oficial que está longe e a sua mulher que ficou em França se não escrevem um ao outro? O nosso amor a Deus, para se manter vivo, exige uma fé, um conhecimento vivo: “Esta é a vida eterna: que Te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro”. Ora o meio privilegiado de possuir uma fé viva é deixar que a Palavra de Deus, viva, criadora e recriadora, penetre em nós. É ela, ao apresentar-nos as grandes obras do Senhor, as *magnalia Dei*, que tem o poder de despertar tudo o que em nós é capaz de admiração e de louvor; é ela, ao repetir-nos as promessas divinas, que faz brotar a nossa esperança; é ela, ao revelar-nos o amor infinito de Deus, que faz arder em nós aquele Fogo que Cristo veio trazer à terra. Não é de admirar que a vida divina — fé, esperança e caridade — decline e se extinga em quem deixa de escutar o seu Deus que lhe fala.

A meditação não é menos necessária. Salva da asfixia a nossa alma, aquela “sequestrada”, como diz Claudel. Na oração interior, a prisioneira regressa ao ar livre e começa a respirar. A sua vitalidade, alimentada pelo pão da Palavra e pelo pão eucarístico, pode finalmente exercitar-se: responde a Deus que lhe falou e entrega-se a Deus que Se entregou. Entre Deus e a alma instaura-se um intercâmbio vivo, a comunhão a que todo o amor aspira. E, a pouco e pouco, toda a vida daquele que faz meditação, precisamente porque faz meditação, torna-se oração.

Sei bem que me vão levantar objecções. [...] “Como quer que nos nossos dias devorados pelos trabalhos profissionais ou domésticos possamos arranjar tempo para ir à missa, ler as Escrituras, fazer oração meditada?” — “Arranjais tempo para comer e dormir!” — “Isso é necessário” — “Sim, mas a questão está em saber se, recusando deixar definhar o vosso organismo físico, optais por deixar a vossa alma morrer de fraqueza. E se achais normal que Deus seja praticamente excluído do vosso dia-a-dia”.

Conheço homens e mulheres que um belo dia decidiram reagir. Pensaram na sua existência em função da sua vida cristã, e não o inverso. Alguns tiveram que modificar profundamente a organização da sua vida. Não pretendo que tenham chegado aí de um dia para o outro, que o seu programa nunca tenha sido perturbado por razões de força maior. Mas o que vos posso afirmar é que para aqueles directores de empresa, aqueles médicos, aqueles operários, aquelas mães de família numerosa — que não estão menos sobrecarregados do que vós — a vida se transformou desde que a Eucaristia, a Palavra de Deus e a oração mediata encontraram lugar na sua vida quotidiana. Para eles não receio nem o fracasso da fé nem o do lar. Eles estão vivos».

(Carta mensal, Maio de 1955)

O pão quotidiano

Depois de ter recordado o privilégio dos cristãos do século XX que, desde Pio X, têm a possibilidade de comungar todos os dias, o Padre Caffarel interroga-se (em 1958) sobre o que nós fazemos desse privilégio.

«Passaram cinquenta anos; onde estamos? O entusiasmo e o zelo para com a mesa posta foram de curta duração. A rotina, essa velha bruxa, recuperou os seus direitos. Abuso e negligência, dois dos seus frutos, é o que verificamos em grande escala. Abuso: comungar na missa dominical para muita gente não passa de rotina; as pessoas não se preparam para ela, esquecem-se de “se provar” como S. Paulo recomenda, a acção de graças é escamoteada e o dia passa-se no esquecimento da Eucaristia. Negligência: se muitos cristãos adquiriram o hábito de comungar na missa dominical, poucos vão diariamente à missa e comungam. Não é por excessiva preocupação de pureza escrupulosa nem por extremo respeito pelo Santíssimo Sacramento, motivos que antes inibiam alguns jansenistas e que não deixavam de ter a sua importância. Não, as razões são mais prosaicas. Falta de tempo, dizem uns; incompatibilidade com os horários de trabalho, dizem os homens — com as idas para a escola, dizem as mães de família. E, certamente, muitas vezes, isso é verdade. Mas quantas vezes não passa de pretexto? A prova está no facto de que as extraordinárias facilidades oferecidas a quem vive nas cidades — missa do meio-dia e meia hora, das seis ou sete da tarde — e a nova regulamentação do jejum eucarístico não vêm mudar grande coisa. É preciso ir mais fundo para encontrar a verdadeira explicação, para compreender a falta de lógica desses cristãos que no Pai-Nosso pedem o pão de cada dia e renunciam a ir procurá-lo. No fundo, falta-lhes estima, e fé viva, pela Eucaristia. (Os protestos que se levantam quando dou esta explicação não me fazem mudar de opinião.) Pelo menos, se a fé e a fome demasiado fracas não chegam para os levar à Eucaristia, deveriam acorrer a ela por simples docilidade ao apelo de Cristo, que a Igreja não faz senão traduzir. [...]

Mas conhecerão eles realmente o pensamento da Igreja? Terão os pais e os educadores transmitido bem a mensagem às crianças, e os padres aos fiéis? Os nossos cristãos de 1958 sabem, com certeza, que se pode comungar todos os dias; trata-se, pensam eles, de uma devoção edificante; mas mesmo os melhores, os próprios militantes, no seu conjunto, terão compreendido, terão mesmo aprendido que o regime normal do cristão normal é a comunhão diária? E, no entanto, não há nada mais explícito do que esta palavra do próprio Pio X: “A Igreja deseja que todos os fiéis se abeirem **diariamente** da mesa sagrada”. [...]

A Eucaristia tem um lugar central na vida cristã, mas não deve ficar isolada dos outros elementos dessa vida cristã, dos quais uns lhe preparam o terreno e outros a sua frutificação. Contentar-me-ei em mencionar três de uma enorme importância: o cultivo da fé, nomeadamente através de um contacto habitual com a Palavra de Deus; a oração: refiro-me à oração mental chamada meditação ou oração interior; e o amor ao próximo, um amor ao mesmo tempo vivo e eficaz. Surgem as reclamações: “Não está a falar a sério, o senhor não

conhece a nossa vida de leigos!”. O que eu sei é que não há cristianismo de segunda. Também conheço alguns cristãos — perfeitamente normais, garantivos — que consideram que as necessidades vitais do organismo espiritual, não menos do que as do corpo, não podem ser negligenciadas sem grave perigo.

Não nego que algumas pessoas, apesar do seu desejo, se vejam na impossibilidade de ir à missa diariamente. Essas fiquem tranquilas. O seu sofrimento por causa dessa privação e o desejo que ela alimenta obter-lhes-ão as graças que Deus reserva aos seus filhos impedidos de ir às fontes sacramentais.

Mas estou convencido de que poderíamos esperar futuros magníficos para a nossa cristandade se se acabasse por perceber que a missa e a comunhão diárias são o regime normal do cristão, que dispensá-las sem razão válida é dar provas de um tremendo desconhecimento desse dom prodigioso do amor divino que é a Eucaristia. Veríamos multiplicarem-se as vocações sacerdotais e religiosas: alimentadas pela Eucaristia, as almas aspiram a um dom cada vez mais total. Assistiríamos a uma inesperada fecundidade dos movimentos católicos. E o sacramento do matrimónio, “sobreactivado” pela sua ligação à Eucaristia, daria o máximo efeito na fidelidade, na pureza e na santidade conjugal».

(Carta mensal, Março de 1958)

O mistério do Evangelho

Se conhecêssemos o mistério do Evangelho! O Padre Caffarel procura fazer-nos entendê-lo.

«O que constitui o valor e a importância do livro dos Evangelhos não é apenas o facto de ele ser a recolha dos gestos e das palavras de Jesus Cristo nosso Senhor, mas o facto de ser, segundo a forte expressão de Sto. Agostinho, “a própria boca de Jesus Cristo”.

De facto, enganar-vos-íeis se vísseis no Evangelho palavras antigas, piedosamente conservadas, as palavras do maior dos homens que alguma vez passou pela terra. O Evangelho é a Voz, **viva e permanente**, de uma pessoa viva, do grande Vivente, presente hoje entre nós, de acordo com a sua promessa: “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”.

Esta Palavra dirige-se, sem dúvida, a toda a Igreja, mas também a cada um de nós. Tenho razão em pensar, ao abrir o Evangelho: alguém me fala. Ler um livro ou um artigo de jornal, que se dirige a toda a gente e a ninguém, é muito diferente de ler uma carta que me é dirigida pessoalmente. Ora, o Evangelho é essa carta de Deus, dirigida a mim.

Alguém me fala. Jesus Cristo fala-me. Isto já é extraordinário. Mas de que palavra se trata? É que há palavra e palavra. Há a palavra de um oficial que ordena: visa fazer agir. Há a palavra do professor que ensina: visa comunicar um saber. Há também, e bem melhor, a palavra do jovem que confessa à rapariga: “Amo-te”. Mais do que uma ordem, bem mais do que um ensinamento, esta palavra perturba completamente um ser. Decide um destino.

Através do Evangelho, Jesus Cristo fala e, sem dúvida, ensina aquilo em que se deve acreditar e diz o que se deve fazer; mas, acima de tudo, diz-Se a Si mesmo, faz-me a perturbadora confiança: “Amo-te, até ao sacrifício da minha vida”. A fé pela qual respondo à sua confissão é bem melhor do que a simples adesão da minha inteligência ao seu ensinamento, bem melhor do que a obediência aos seus mandamentos: é um impulso de todo o meu ser pelo qual me entrego a Ele sem reservas.

Mas há algo ainda mais belo e misterioso. A palavra de Cristo no Evangelho não só é ensinamento, ordem, confissão de amor: é acto. Faz efeito. Essa Voz que oiço ao ler o Evangelho é a mesma que acalmava a tempestade furiosa, que curava da lepra, a mesma que ressuscitava os mortos, que perdoava os pecados, que gerava filhos de Deus (Tg 1,18; 1 Pe 1,23-25).

Esta palavra não perdeu nem o seu poder nem a sua actualidade. Os orientais compreendem isto: quando o padre lê o Evangelho, as pessoas precipitam-se para o Livro, tal como outrora as multidões acorriam a Cristo.

Compreendeis agora que o Evangelho possa ser comparado com a Eucaristia? Que se lhe chame “sacramento”, no sentido antigo do termo? Que Sto. Agostinho possa ter escrito: “Pelo seu Evangelho, Jesus Cristo está realmente presente entre nós”? De resto, é o próprio Jesus Cristo que nos convida a comparar o Evangelho com a Eucaristia. Escutai estas duas frases, mais ou menos idênticas, uma relativa à Eucaristia — “Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54) — e a outra relativa à sua Palavra — “Se alguém observar a minha palavra, nunca morrerá” (Jo 8,51).

Por que será, então, que os melhores cristãos, aqueles que se esforçam por receber a Eucaristia, mostrem tanta negligência em “escutar” e “guardar” a Palavra de Cristo, sejam tão pouco habitados pela sua “Palavra Poderosa”?»

(Carta mensal, Janeiro de 1964)

Nota: A vida espiritual só se pode desenvolver se for alimentada. Propõem-se aqui três meios para a alimentar: a Eucaristia, a Palavra de Deus e a oração. Deixaremos a oração para o próximo capítulo. Interroguemo-nos sobre a nossa participação na Eucaristia e sobre a nossa escuta da Palavra de Deus.

Para a troca de impressões em casal

- Reflecta cada um separadamente no sentido que a Eucaristia tem para a sua própria vida e, em seguida, partilhem em casal sobre esta questão. Vejam como progredir e entreajudar-se.
- Qual é a frequência da nossa participação na Eucaristia? Porquê? Que é que isso traz ao nosso casal?
- Temos procurado soluções reais para participar na Eucaristia de semana? Por exemplo, sabemos os horários da missa de semana na nossa paróquia ou perto do nosso local de trabalho?

- Achamos demasiado exigente o convite a uma participação frequente na Eucaristia?
- De forma semelhante, interroguem-se sobre a leitura da Palavra de Deus. Que lugar tem ela na nossa vida? É uma carta pessoal de Deus? Como poderemos entrajudar-nos?

Para a troca de impressões em equipa

- “Se não comerdes a minha carne, não tereis a vida em vós”. Estamos convencidos da importância da Eucaristia para alimentar a nossa vida espiritual? Partilhemos sobre a nossa prática eucarística, a sua frequência (nomeadamente dominical), a forma de nos prepararmos para ela, etc.
- Qual é o lugar da Palavra de Deus na vossa vida? Leitura diária ou não? Sob que forma? Que procuramos nela? Que fazemos para a perceber melhor?
- Participamos na preparação concreta das eucaristias (equipas litúrgicas...) ou em encontros eclesiais sobre a Palavra de Deus (grupos bíblicos, grupos de leitura regular e orante da Bíblia...)?

Oração na reunião (Jo 6,48-56)

Quem não come não pode viver.

Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá. Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo.

Então, os judeus, exaltados, puseram-se a discutir entre si, dizendo: “Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?!”. Disse-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes mesmo a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei-de ressuscitá-lo no último dia, porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue, uma verdadeira bebida. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica a morar em mim e Eu nele”.

Para viver a entreaajuda

Tentar encontrarmo-nos em equipa para a Eucaristia do domingo e ajudarmo-nos uns aos outros para participarmos nela durante a semana (uma escolha criteriosa dos horários poderá permitir que nos encontremos...).

3. REZAR

Entre os alimentos essenciais da vida cristã, a oração, sobretudo sob a forma de oração meditada, não está longe de ser a mais fundamental, na medida em que faz com que os outros alimentos sejam assimiláveis pelo nosso organismo espiritual. Era esta a convicção do Padre Caffarel. Daí a sua insistência neste ponto.

1/96 avos

Num editorial de Novembro de 1952, o Padre Caffarel punha diante dos olhos dos seus leitores uma régua graduada com 96 divisões.

«Olhai para esta régua. Noventa e seis divisões: os 96 quartos de hora que compõem um dia. Contai, a partir da esquerda, o número de horas que reservais para o sono e marcai um traço vertical. Contai a seguir o número de horas de trabalho, profissional ou doméstico: outro traço. Depois as horas das refeições, os tempos de deslocações, da leitura do jornal, etc. Finalmente, desta vez a partir da direita, o tempo que consagrais a oração. A seguir, comparai!

Dir-me-eis: “Não há nada mais enganador do que este tipo de cálculos. O senhor compara realidades que não se podem comparar. A oração não é uma questão de tempo. Tal como o amor: não é por passar dez horas por dia a trabalhar e muito pouco tempo a conversar com a minha mulher e com os meus filhos que não os amo ou que os amo menos do que o meu emprego. O amor não é uma questão de tempo”.

Ora vejamos! Quantas vezes o amor dos esposos e o afecto entre pais e filhos periclitam justamente porque não são alimentados nem aprofundados. Os nossos amores humanos exigem encontros, permutas, momentos de coração a coração. Isso é vital.

O mesmo acontece com o amor a Deus, que enfraquece na alma do crente que não reserva todos os dias momentos de encontro com o seu Senhor, momentos de permuta, de intimidade, isto é, de oração. E isto não é menos vital.

E quem me responde: “Mas onde quer que eu arranje tempo para rezar?” deixa-me perplexo... Ou não compreendeu o carácter vital da oração para alimentar a vida religiosa ou então isso já tem a ver com o psiquiatra, como é o caso da mãe de família numerosa que sofre de uma grave anemia e responde ao médico: “Como quer que arranje tempo para comer, com oito filhos e tudo o que isso implica, os biberões, as fraldas a lavar, os banhos dos mais pequenos, as traduções de latim dos mais crescidos...?”.

Toda a questão está em saber se é vital comer, toda a questão está em saber se é vital rezar.

Afinal, talvez seja por culpa nossa, dos padres, se os cristãos não acreditam no valor da oração: prevenimo-los o suficiente de que a anemia espiritual os espanta? Quando se vêm confessar de cobardias, de orgulho, de impureza, em

vez de os pressionar a não recomeçar, chamamos a sua atenção para a causa: o seu estado de menos resistência, que os torna terrivelmente vulneráveis? Recomendamos-lhes a única coisa que lhes permitirá adquirir uma vitalidade espiritual e, portanto, resistir às ameaças do exterior e do interior: a oração?

O grande remédio não será antes a Eucaristia?, perguntar-me-eis. Sem dúvida, mas a Eucaristia na alma que não reza é semente em terra não lavrada, não pode produzir frutos. Creio poder dizer isto com segurança depois de vinte anos de ministério: o cristão que não consagra todos os dias dez a quinze minutos (uma nonagésima sexta parte do dia) a essa forma de oração a que chamamos oração interior ou meditação permanecerá sempre infantil, ou melhor, definhará. Conhecerá crises graves, das quais não sairá glorioso, de que talvez mesmo nem saia senão daí a muito tempo.

Em vez de me deter no aspecto negativo da questão, prefiro terminar evocando tantos homens e tantas mulheres que conheço bem, não menos sobrecarregados com filhos, não menos assoberbados pelos trabalhos profissionais e domésticos do que os outros, cuja vida cristã se aprofunda, desabrocha e resplandece porque a oração mediata é o seu alimento diário. Perceberam que ela é vital. Vivem dela».

(Carta mensal, Novembro de 1952)

MAIORIDADE?

Num editorial que se destinava à Carta Mensal e cuja dimensão levou à sua transferência para L'Anneau d'Or², o Padre Caffarel interrogava-se acerca da aparente ineficácia do esforço dos cristãos no domínio temporal e no domínio apostólico. Perguntava a si próprio porquê e concluía: falta de vitalidade por falta de oração.

«[...] Seria realmente demasiado simples e demasiado simplista deitar as culpas para os nossos contemporâneos, declará-los impermeáveis ao cristianismo. Seria demasiado fácil dizer pura e simplesmente que a pastoral tradicional está caduca, que os nossos métodos de apostolado faliram e que é preciso encontrar novos. Sem deixar de reconhecer a parte de verdade contida nestas afirmações, creio que o mal é mais profundo. O que me parece faltar à comunidade cristã e aos seus membros é a vitalidade: já nem a violência nem a paixão os habitam.

Por mim, creio encontrar a razão desta inquietante anemia na desafeição dos cristãos de hoje pela oração, em particular por essa forma de oração do homem a sós com o seu Deus a que se chama meditação. Naqueles que a descuram, a eficácia da Palavra de Deus e dos sacramentos é como que travada.

² *L'Anneau d'Or* era uma revista de espiritualidade conjugal e familiar fundada pelo padre Caffarel em 1945, cuja publicação terminou em 1967.

Como não vão, pela oração, beber à força divina, estes cristãos fraquejam na acção; como não contemplan as grandezas de Deus, ficam fracos; como não se elevam até aos pensamentos do Senhor, não têm dos problemas senão uma visão de míope; como não entram em relação com a energia criadora, não são eficientes. Numa palavra, quando não praticam a oração mediata, os cristãos ficam como que presos num estádio infantil.

[...] Com efeito, em todos os homens de oração cuja evolução acompanhei verifico uma afirmação da personalidade, uma maior serenidade, uma visão simultaneamente mais ampla e mais realista dos problemas, uma eficiência multiplicada — em suma, um aumento de vitalidade humana e sobrenatural. Não é por isso que se tornam perfeitos de um dia para o outro, que são miraculosamente libertos dos seus defeitos e das suas limitações. Mas, numa palavra, atingiram a **maioridade**.

Acrescentaria ainda que só eles estão verdadeiramente presentes no mundo — memo que não lhes tenham sido dadas grandes responsabilidades na Igreja ou na Cidade (“O nossos passos andam na rua, mas o nosso coração bate no mundo inteiro”, escrevia uma mãe de família). De facto, a presença é antes de mais de ordem espiritual. Lembrai-vos de Moisés a rezar na montanha enquanto os israelitas combatem na planície (*Êxodo, 17,8-13*). Ele está de tal modo presente na luta que, enquanto tem os braços levantados para o Todo-Poderoso, as suas tropas vencem o inimigo; quando os braços lhe caem de cansaço, os seus homens ficam como que esvaziados da sua energia e deixam de resistir. Enquanto os cristãos não estiverem em primeiro lugar presentes no mundo com este tipo de presença, não serão senão figurantes e não os verdadeiros actores da acção que se desenrola.

(O Padre Caffarel volta ao problema da falta de tempo).

Para terminar, não vos escondo que me pesa na consciência ter de defender diante de vós a causa da meditação. Não é monstruoso ter de multiplicar os argumentos para convidar o filho a ir junto do pai, a abrir-se às suas confidências, a viver na sua intimidade, a exprimir-lhe amor e gratidão? E quando esse Pai é Deus...»

(L'Anneau d'Or, Janeiro-Feveireiro 1949)

Primeiros conselhos a quem quer fazer meditação

Incitar a fazer meditação é a primeira etapa; ensinar a fazer meditação é a segunda, a que o Padre Caffarel dedicou toda a sua vida (ver as suas obras, nomeadamente Présence à Dieu. Cent lettres sur la prière), da qual ele próprio extrai estes conselhos para os casais das Equipas.

«Não procurai nestas páginas receitas de eficácia garantida; esforçai-vos antes por lhes captar o espírito.

começar bem

É verdade para a oração como para muitas actividades: importa ter um bom começo, caso contrário, ao fim de cinco minutos, fica-se admirado de se estar de joelhos num genuflexório: o coração veio à oração, mas o pensamento ficou nas preocupações.

Aconselho vivamente a que se dê atenção aos gestos e às atitudes do início da meditação. Uma atitude clara e forte de pessoa desperta, presente a si própria e a Deus; uma inclinação profunda ou um sinal da cruz, lento, carregado de sentido. Lentidão e calma são de grande importância para quebrar o ritmo precipitado e tenso de uma vida atarefada e apressada. Uns instantes de silêncio: como uma travagem, contribuirão para vos introduzir no ritmo da oração meditativa e a fazer a necessária ruptura com as actividades anteriores. Também pode ajudar recitar uma oração vocal, muito lentamente, a meia voz.

Tomai então consciência, não digo da presença de Deus, mas de Deus presente: uma Pessoa viva, o Grande Vivente, que está ali, que vos espera, vos vê, vos ama. Ele tem uma opinião sobre essa oração que vai começar e pede-vos que estejais cegamente de acordo com o que Ele quer para ela.

atitudes interiores

Vigiai as atitudes interiores ainda mais do que as do corpo. As atitudes fundamentais do homem diante de Deus são dependência e arrependimento.

Dependência: não a vaga submissão de quem, por vezes, tem que renunciar a um projecto para fazer a vontade de Deus, mas uma dependência muito mais radical, a da torrente (que se extingue se se separar da nascente), do sarmento (que seca e apodrece quando é separado da videira), do corpo humano (que já nem é corpo mas cadáver quando se quebra o laço que o vincula à alma).

Arrependimento: este sentido agudo da nossa indignidade inata em presença da Santidade de Deus. Como S. Pedro que, de repente, se prostra diante de Cristo: “*Afasta-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador*”.

Estas duas atitudes são importantes para aplanar em vós os caminhos do Senhor.

Com a alma assim predisposta, pedi a graça da meditação, pois, já vo-lo disse, a meditação é um dom de Deus antes de ser uma actividade do homem. Chamai humildemente o Espírito Santo: é Ele o nosso Mestre de oração. Podeis então adoptar a atitude corporal mais favorável à libertação da alma.

exercício das virtudes teológicas

Assim preparados, a meditação propriamente dita pode começar. Que esperais dela? Que Deus tome posse de vós próprios. E o único meio é pôr em acção essas três grandes faculdades sobrenaturais que o Senhor nos deu precisamente para entrarmos em contacto, em comunhão com Ele (é por isso que se lhes chamam virtudes *teológicas*): a fé, a esperança e a caridade. Elas são em vós dinamismos sobrenaturais prontos para entrar no jogo logo que ides ter com Deus.

Exercitai a vossa fé. Não vos peço que especuleis sobre Deus, mas que penseis n'Ele meditando no que Ele vos diz de Si próprio através da Criação — onde tudo fala das suas perfeições —, através da Bíblia e sobretudo e em primeiro lugar através do seu Filho que não encarnou, não viveu nem morreu senão para nos revelar o amor infinito do Pai. O grande mérito de um S. Bernardo, dos franciscanos do séculos XIII e XIV, de Sto. Inácio de Loyola foi justamente ter lembrado às almas de oração que Jesus Cristo é, por assim dizer, o grande tema de meditação.

Mas o importante não é pensar muito, é amar muito. Tendo a fé posto em movimento a caridade, exercitai esta. Volto a empregar o termo “exercitar”. Não vos enganeis: não preconizo um voluntarismo desenfreado. O exercício da fé e da caridade deveria ser tão natural como a respiração. Exercitar a caridade consistirá não tanto em fazer surgir em vós emoções, fervores e sentimentos, mas antes em aderir com toda a vossa vontade à vontade do próprio Deus, em partilhar os seus desejos e os seus interesses.

Também é próprio do amor aspirar à união com aquele que se ama — e à felicidade que essa união promete. Quando se trata de Deus, essa aspiração chama-se “esperança”. Exercitai, pois, também a esperança.

“meditação teologal”

A meditação que acabo de descrever é chamada “meditação teologal”. Fala-se dela muitas vezes como de um passatempo de quem vive dos rendimentos. A acreditar nos seus detractores, se ela é boa para os monges, não convém para quem está comprometido nos rudes combates da acção. Vejamos! Há que ter a preocupação da eficácia, dizem eles. Poder-se-ia responder-lhes que o louvor e a adoração prevalecem sobre a acção. Mas, logo só no plano da eficácia em que eles se situam, esta meditação defende-se sem dificuldade. “O agir segue o ser”, diziam os antigos escolásticos; ora, a meditação teologal, porque é uma prodigiosa renovação do nosso ser posto em contacto com o nosso Criador, multiplica a nossa eficiência. Basta ler a vida dos santos, de uma Sta. Teresa de Ávila por exemplo, para nos convenceremos disso.

“meditação prática”

Mas preconizar a meditação teologal não é condenar essa outra forma de meditação chamada “meditação prática”. Não há nenhum motivo para opor estes dois tipos de meditação; há mesmo todo o interesse em as aproximar e em as associar.

Que é necessário melhorar a nossa vida, reflectir nos nossos afectos, nos nossos pensamentos, nos nossos comportamentos para os corrigir é mais que evidente. É esse precisamente o objecto da “meditação prática”. Por que não seria esta a conclusão normal de uma meditação teologal? O olhar de fé, depois de ter contemplado Deus, voltar-se-ia para a nossa vida; a caridade, depois de termos renovado a nossa intimidade com Ele, incitar-nos-ia a servi-l'O nas nossas tarefas quotidianas. Um amigo meu nunca acaba a sua meditação sem aquilo a que chama “a meditação sobre a agenda”. Ele abre-a, pensa no seu dia e

apresenta-o ao Senhor; enumera as pessoas com quem se vai encontrar, e a sua enumeração faz-se intercessão.

resistir

Ireis pensar, no fim desta carta, que a meditação é um exercício muito pouco simples, desencorajador para quem já tem uma existência tão complicada? Não vos detenhais nessa impressão. Os actos mais vitais parecem complicados quando os analisamos: descer uma escada, respirar, amar; mas para quem os pratica habitualmente tornam-se de uma grande simplicidade. É justamente esta última palavra que designa uma forma de meditação a que chega quem persevera na oração: “a meditação de simplicidade”.

Antes de vos deixar, acrescento uma última observação. Como ninguém se torna marceneiro, músico ou escritor de um dia para o outro, também ninguém se torna homem de meditação sem uma conscienciosa aprendizagem».

(Carta das Equipas de Nossa Senhora, Setembro-Outubro 1970)

Para a troca de impressões em casal

- Faça cada um o seu levantamento dos 96 quartos de hora: em que é que utilizo o meu tempo? Discuti-los em casal: poderemos fazer evoluir esse emprego do tempo — nomeadamente para dar lugar à meditação? Como é que tu me podes ajudar nessa evolução?
- A meditação é um face a face com Deus; o nosso desejo é diferente: podemos abordá-lo e ver como nos entretendamos a perseverar neste ponto concreto de esforço?
- Reflectir na maneira como a meditação alimenta e ilumina a nossa vida.

Para a troca de impressões em equipa

- Cada um, por sua vez, explicará porquê e como faz a meditação (local, duração, frequência, forma...), como mantém o seu desejo de meditação (leituras, retiros, recurso a um conselheiro...), a evolução da sua meditação ao longo do tempo e em que é que ela é suporte para a sua vida e para a sua acção no mundo.

Oração na reunião (1 Ts 5,16-24)

Quem não respira não pode viver.

Sede sempre alegres. Orai sem cessar. Em tudo dai graças. Esta é, de facto, a vontade de Deus a vosso respeito em Jesus Cristo.

Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo, guardai o que é bom. Afastai-vos de toda a espécie de mal.

Que o Deus da paz vos santifique totalmente, e todo o vosso ser — espírito, alma e corpo — se conserve irrepreensível para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Aquele que vos chama: Ele há-de realizá-lo.

Para viver a entreajudá

Encontrar meios concretos para estimular a fazer meditação (mesma hora de acordar, hora fixa durante o dia, etc.).

4. LUTAR

No final da sua vida, o Padre Caffarel confidenciava ter sido ingénuo no início do seu ministério ao subestimar a força do egoísmo e não preconizando o suficiente a ascese: “Com razão insisti na oração, dizia ele, mas fiz seres coxos ao não lhes dar o complemento indispensável à caminhada para a santidade: a ascese”. Rapidamente se deu conta de que o grande obstáculo ao amor que é o egoísmo deve ser energeticamente combatido sob todas as suas formas (é essa uma das funções da “regra de vida”).

Cruz ou alegria?

Parece-lhe antes de mais necessário apresentar um cristianismo autêntico em que a tónica posta na Ressurreição, justamente em reacção a um período de tendência jansenista — estamos em 1948 —, não faça esquecer a Cruz.

«A vossa geração descobriu certos valores essenciais. Palavras que surgem sem cessar nas conversas e que os escritos atestam: humanismo, alegria, amor, equilíbrio, encarnação, plenitude, etc.

E apegais-vos a esses valores. Em primeiro lugar para vós mesmos. E também para os não crentes que vos rodeiam: esperais que sejam seduzidos por eles e que assim obtenhais, se não a sua conversão, pelo menos a sua estima pelo cristianismo.

Que esses valores de que falamos sejam autenticamente cristãos, não o contesto; mas a estima ciosa, susceptível, exclusiva de muitos dos nossos contemporâneos parece-me suspeita. Não dissimulará a recusa de outros valores cristãos não menos autênticos: a renúncia, a mortificação, a penitência, a cruz?

Lia-se, no relatório de um inquérito sobre as aspirações dos cristãos de hoje, esta resposta: “Os santos modernos verão menos a pobreza, a humilhação desse Deus feito homem do que a riqueza humana daquele homem que encarna Deus e tem a riqueza de uma mãe admirável, de amigos muito afectuosos, de dons da inteligência, de poder, de beleza física, de ascendente moral postos ao serviço de Deus. Os santos de amanhã serão menos penitentes do que os reis da criação”. Reconheci que esta frase parece trair um certo desconhecimento da cruz. Far-me-eis notar que não compromete senão o seu autor e que não tenho razão em generalizar? Será isso verdade? Não haverá muita gente que a subscreva?

Não devemos, mesmo assim, esquecer as palavras de Cristo: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-Me” (Lc 9,23). Nem a de S. Paulo: “Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1 Cor 1,22-23).

O equilíbrio cristão exprime-se através do binómio Paulino: Morte-Ressurreição. Quando se elimina ou se subestima um dos dois termos, falseia-se a espiritualidade cristã.

Tendes toda a razão em querer apresentar aos não crentes o rosto alegre e forte do amor e da fé. Mas não vos esqueçais de que a Paixão precede a Ressurreição, que a alegria é o fruto da Cruz. “Quem não toma a sua cruz dia após dia”, isto é, quem não mortifica incansavelmente um egoísmo que renasce continuamente, quem não acolhe os sofrimentos, pequenos ou grandes, como obreiros de purificação, nunca oferecerá o espectáculo de um amor radioso, de uma religião sedutora ».

(*Carta mensal, Março 1948*)

Desconfiai do Afonso

A ascese é indispensável. Mas atenção ao seu subtil desvio através do farisaísmo. É preciso ouvir esta severa advertência.

«Sabei que, pelo facto de pertencerdes às Equipas de Nossa Senhora, pesa sobre vós uma grande ameaça. Pesa sobre todos aqueles que se reúnem para viverem uma vida melhor. Existe desde sempre o terror de quem tomou a iniciativa deste género de associações. Essa ameaça terrível é o farisaísmo. Não aquilo que se designa correntemente por este termo: uma “consciência tranquila” mais ou menos hipócrita, mas esse farisaísmo que arrancou a Cristo as implacáveis maldições que não lemos sem ficarmos impressionados.

Quem são esses fariseus ao lado de cujo pecado, diz-nos Cristo, o das prostitutas é insignificante? Homens associados para salvaguardar a sua vida religiosa de toda a contaminação pagã, zelosos na meditação e na prática da Lei. Muitos, ao que parece, são muito rigorosos no cumprimento dos seus deveres religiosos e nos minuciosos exercícios que a sua própria regra lhes impõe. Então, perguntar-me-eis, em que merecem a indignação de Cristo? É que esperam a sua salvação da Lei, da prática da Lei e, portanto, deles próprios. Segundo eles, é santo quem pratica perfeitamente a LEI. Tanto mais que, quando um salvador se apresenta, não sentem a necessidade de lhe estender a mão. É esse o seu pecado imperdoável: considerarem-se justos porque praticam a lei, não terem necessidade de ser salvos, o que equivale a pensar que a vinda e a morte de Cristo são inúteis. Ao menos a prostituta não se considera justa; tem uma tremenda necessidade de ser salva.

Estais a ver o perigo: considerar-se justo pelo simples facto de praticar a lei, que até se pode acrescentar. Pois bem, não, mil vezes não! Mesmo aquele que dá todos os seus bens aos pobres pode ser um tambor, vazio e estrepitoso, como diz S. Paulo. Para ser justo aos olhos de Deus, não basta submeter-se aos mandamentos; tem que ter em si o Espírito Santo e a caridade que Ele infunde nos nossos corações. Infeliz do homem virtuoso, zeloso, austero, heróico, se está contente consigo mesmo, satisfeito, se não se reconhece pecador, se não espera e não chama o Salvador. O demónio é malicioso: aqueles que não pode perder fazendo-os cair, perdê-los-á, se eles não se acautelarem, mais

seguramente ainda encorajando-os a salvarem-se a si próprios, pelas suas próprias forças: o importante é que eles considerem não ter necessidade de ser salvos por outro, por Deus, e não recorram a Ele.

“Ó Deus, dou-Te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros...”. Assim rezava o fariseu da parábola. Cristo não nos diz que ele mente. Nem que o publicano mentia ao acusar-se de ser pecador. E, no entanto, é o virtuoso que é condenado e o pecador que é salvo, mas precisamente porque este último confessava a sua necessidade de um Salvador.

Serão estas palavras um convite a pecar? É claro que não, mas um convite, por mais virtuosos que sejais, a reconhecer que a vossa virtude é insignificante se não for a irradiação de Cristo que habita em vós, que a vossa segurança é ilusória se não tiver Deus como fundamento. Convite a deixar as Equipas? Certamente que não, mas convite a recorrer ao meio que pode salvar do farisaísmo: a oração. A oração autêntica é o único contraveneno conhecido. Esta é a razão pela qual um grupo religioso que não seja uma escola de oração é terrivelmente perigoso: não é senão uma fábrica de fariseus. [...]

Na verdade, se, depois de dois ou três anos de vida de equipa, não tiverdes aprendido a rezar e não dais à oração um lugar central nas vossas vidas, não escapareis ao farisaísmo: vereis surgirem, a pouco e pouco, os sintomas do mal e, passo a passo, dar-lhe-eis o vosso consentimento: *a auto-satisfação*, primeiro favorecida pela comparação com aqueles que vos rodeiam e que são, sem dúvida alguma, menos virtuosos que vós; *a consciência tranquila* que é uma esclerose espiritual; *a convicção de serdes justos*, quando não passais de bem pensantes, expressão moderna para designar o fariseu, a dissimulada satisfação de verificar e de estigmatizar os pecados dos outros. E se, ao lerdes estas linhas, verificardes que estes sintomas não existem em vós, não fiquéis muito tranquilos.

A oração, falo da verdadeira oração, prolongada, tem uma maravilhosa virtude para nos conduzir à descoberta de Deus e de nós próprios, da santidade de Deus e da nossa necessidade quotidiana de sermos salvos.

Se tiverdes chegado a rezar como Sto. Afonso Maria de Ligório, ficai em paz: não estais em perigo iminente de farisaísmo: “Senhor, desconfiai do Afonso, dizia ele; é bem capaz de Vos trair hoje”».

(*Carta mensal, Janeiro 1958*)

Outra vez a ascese

Então, que é a ascese? Um esforço sistemático e perseverante para afastar os obstáculos ao amor e cultivar aquilo que o favorece.

«Demasiadas conferências, demasiados artigos sobre a ascese e, ao que parece, os casais das Equipas acabam por se perder no meio de tudo isso. Acabo de o verificar ao falar com três deles que me tinham atacado a este respeito. A

conversa acabou com esta exclamação: “Se me tivesse dito isso mais cedo!”. Ora “isso” é algo de muito simples.

Vou, pois, ser muito simples, simplista mesmo, com todos vós como fui com os meus três interlocutores do outro dia. Não vou argumentar, mas antes apelar à vossa experiência quotidiana.

Se sabeis amar, sabeis o que é a ascese. Os praticantes do amor são necessariamente praticantes da ascese. Porque a ascese não é uma exigência arbitrária de pregador triste, mas antes a exigência fundamental do amor. Não há medalha que não tenha anverso e reverso, não há moeda que não tenha cara e coroa: amor e ascese são as duas faces da mesma realidade.

Nunca progredirei no amor ao outro se não mortificar o amor a mim próprio, de tal forma ele é egoísta e reivindicativo. De facto, não posso, ao mesmo tempo, dar e tomar, estar numa atitude inata de dom de mim próprio e obedecer à minha ganância, ser oblativo e captativo, comprometer-me e reservar-me, ter o meu centro de interesse em mim e no outro.

Para dizer a verdade, amor e egoísmo coabitam no meu coração. Mas esta coexistência não é pacífica. Ambos se dão mal, opõem-se. Estão, abertamente ou não, em perpétuo conflito. A não ser que, com a minha cumplicidade, assinem um protocolo de acordo para partilharem entre si o meu coração e a minha vida — contrato em que um é sempre enganado: insidiosamente, cada um vai esforçar-se por eliminar o outro. Tanto o amor como o egoísmo tendem para a hegemonia.

Atenção! Ao lerdes-me, não entreis a correr em especulações. Entrai antes em vós mesmos, como eu próprio faço enquanto vos escrevo. Olhai, espiai os movimentos do vosso coração. Entregai-vos, nem que seja por um dia, a um desapiedado exame não direi “de consciência” porque a expressão me irrita, mas “de coração”. E à noite estudai o traçado do vosso “electrocardiograma”.

Amiais a vossa mulher, o vosso marido. E desejais amá-lo cada vez mais (porque já não há amor no coração que diz “já chega” e não deseja amar cada vez mais e melhor). Verificais, porém, que muitas coisas em vós travam, entram, afrouxam o vosso impulso de amor: é, na conversa, essa necessidade de não ceder, de ter sempre razão; é, quando o telefone toca, a secreta esperança de que o outro se incomode antes de vós; é o demónio do silêncio que vos impede de dar o melhor de vós mesmos — na oração conjugal, por exemplo; ou é um demónio tagarela que vos faz falar de vós enquanto no outro cresce a secreta angústia de nunca ser escutado. E todas aquelas impaciências, será o amor do outro que as provoca? Ao longo do dia, para que pólo volta o ponteiro da vossa bússola: para a felicidade e o bem do outro ou para vós? E nas vossas relações sexuais?

Não deixaria de ser interessante se vos interrogásseis também acerca das vossas relações com os filhos. Quantas censuras são ditadas por um amor-próprio ferido, mais do que por uma verdadeira ternura! Mas fico-me por aqui, que este campo é demasiado vasto...

Terei conseguido mostrar-vos que todo o amor implica uma exigência de ascese, sendo esta entendida como uma preocupação, um esforço corajoso, leal, inteligente, metódico, perseverante, para mortificar o egoísmo que sem cessar, aberta ou insidiosamente, impede o amor, para cultivar em nós tudo aquilo que nos fará chegar a um amor maior?

E se o amor humano exige a ascese, quanto mais o amor a Deus!»

(Carta das Equipas de Nossa Senhora, Maio-Junho 1972)

Para a troca de impressões em casal

- Não há vida espiritual sem combate. Combate entre os inimigos interiores e exteriores. Essencialmente contra o egoísmo que, em nós, barra o caminho ao amor. Em casal, ajudemo-nos a olhar de frente a nossa vida para nela detectarmos o que favorece o amor e o que vai contra ele. E a modificá-la como for conveniente. Em última análise, que quer dizer ascese para o nosso casal?

Para a troca de impressões em equipa

- No nosso tempo fala-se muito de plenitude. Qual é a verdadeira plenitude para o cristão?
- A nossa pertença às Equipas de Nossa Senhora faz-nos tender para o farisaísmo, como o Padre Caffarel receava. Por que sinais podemos reconhecê-lo?
- Como lutar contra esse farisaísmo?
- Como viver a ascese fora do casal, da família, da equipa?

Oração na reunião (1 Cor 9,24-27)

“Os que vivem são os que lutam...”

Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, assim, para o alcançardes. Os atletas impõem a si mesmos toda a espécie de privações: eles, para ganhar uma coroa corruptível; nós, porém, para ganhar uma coroa incorruptível. Assim, também eu corro, mas não às cegas; dou golpes, mas não no ar. Castigo o meu corpo e mantenho-o submisso, para que não aconteça que, tendo pregado aos outros, venha eu próprio a ser eliminado.

Para viver a entreajudá

A regra de vida, nas Equipas de Nossa Senhora, é uma tradução concreta do esforço geral de ascese. A equipa pode procurar meios concretos para ajudar cada membro a elaborar a sua regra de vida.

5. CONSTRUIR O CASAL

As Equipas de Nossa Senhora foram fundadas para ajudar os casais a edificarem-se humana e cristãmente apoiando-se nos incomparáveis recursos do sacramento do matrimónio. Trata-se de uma obra de grande fôlego, a recomeçar sem cessar. Daí as repetidas exortações do Padre Caffarel.

Apenas pais

É o casal que é o fundamento sólido da família. Importa, pois, garantir em primeiro lugar a solidez do casal e levar por diante até ao fim o fortalecimento do amor conjugal.

«Dizia-me recentemente um casal: “Nas Equipas de Nossa Senhora já não se acredita no amor. Já lá não encontramos esposos, apenas pais”.

É claro que não fiquei muito alarmado com esta observação demasiado absoluta. No entanto, perguntei a mim próprio se ela não teria uma parte de verdade, e abri-me com um responsável. Gentilmente e um pouco protector, ele respondeu-me: “O senhor não pretende que, casados há 15 anos e com 7 filhos, ainda brinquemos aos pombinhos! Mas isso não nos impede de nos entendermos bem”. Esta resposta não me tranquilizou nada: ele tinha justamente empregado o verbo “entender” onde eu esperava “amar”.

As Equipas de Nossa Senhora assentam numa certa ideia de amor. Mais exactamente, na convicção profunda de que o amor conjugal é uma realidade magnífica: a obra do sexto dia que veio coroar a pirâmide dos seres, o símbolo mais deslumbrante e mais essencial, aquele que revela a união de amor que Deus quer contrair com cada um dos homens — que revela e também que realiza essa união. Que pena não poder reproduzir aqui o meu artigo “Vocation de l’amour” publicado no “Mystère de l’Amour”. Peço-vos, relede-o se tiverdes chegado à fase em que vos “entendeis bem”. Relede, pelo menos, estas linhas da primeira página da Carta: “Os casais das Equipas de Nossa Senhora querem que o seu amor, santificado pelo sacramento do matrimónio, seja um louvor a Deus, um testemunho para os homens, provando-lhes, com toda a evidência, que Cristo salvou o amor”.

Sobretudo, não menti a vós próprios. Se já não tiverdes fé no amor, não chameis a isso sabedoria ou maturidade. Se o vosso amor está a esmorecer, não vos desculpeis dizendo que há tantas coisas mais urgentes, se não mais importantes: a educação dos filhos que crescem, as responsabilidades sociais que se tornam pesadas. Mas esses filhos têm uma imperiosa necessidade do vosso amor: foi ele que os fez nascer, só ele os pode fazer crescer. O vosso valor como pessoa, sejam quais forem os vossos sucessos e os vossos galões, está em perigo se o vosso amor decresce. Não vos tranquilizeis demasiado facilmente pensando que, pelo menos, a vossa vida espiritual ganha o que o vosso amor perde. Não se constrói a primeira com as ruínas do segundo.

Também o mundo que vos rodeia fica frustrado se o vosso amor arrefece. Este mundo, que não está longe de desesperar do amor, de uma certa qualidade de amor, e de se submergir na matéria, tem direito ao vosso testemunho. Tem necessidade de vislumbrar o amor divino a irradiar de uma ternura humana, de aprender convosco que Cristo veio salvar o amor. Ireis recusar-lhe esse testemunho?

P.S.: Não ignoro que o amor, ao evoluir, muda de rosto. Aliás, peço-vos não que vos ameis como aos vinte anos mas com um amor cada dia mais profundo. Que nunca tomeis o partido do declínio do vosso amor, que nunca chameis maturidade do amor ao que não é senão sensaboria do amor».

(Carta mensal, Março 1952)

“Far-se-á à medida da vossa fé”

A peregrinação de mil casais a Roma, em 1959, é ocasião para o Padre Caffarel lembrar a grandeza do matrimónio cristão e a imperiosa missão de espalhar a sua boa notícia.

«Volto de Roma, onde fui abrir os caminhos para a nossa peregrinação.

Verificando o interesse e a simpatia suscitados pela notícia de que mil casais das nossas Equipas vão em breve chegar à Cidade eterna, procurei uma explicação para a profunda impressão que causam sempre os encontros de casais cristãos. Veio-me uma recordação: no último dia da nossa peregrinação a Lourdes, em 1954, antes de partirem, os casais dirigiram-se à Gruta para saudar Nossa Senhora. A uma certa distância, uma velha religiosa olhava os casais que chegavam em multidão apressada — a alegria lia-se-lhes no rosto. Ela estava comovida, tinha lágrimas nos olhos. Não sei em que pensava: talvez que assistia a um milagre. Quinhentos casais em que marido e mulher se ajoelhavam juntos, se confiavam juntos à Imaculada: sim, aquilo devia parecer-lhe um grande milagre. E as suas lágrimas eram uma homenagem à onnipotente graça do Senhor que faz destes milagres.

Na verdade, um verdadeiro casal cristão é uma coisa muito bonita, é uma grande obra de Deus, o esplendor do Sacramento do Matrimónio, um reflexo da imensa ternura que une Cristo e a Igreja.

Correis o risco de estardes habituados a isto, de já não vos admirardes, de já não louvardes a Deus.

E sobretudo talvez, por estardes rodeados de alguns desses casais, correis o risco de já não verdes a multidão de casais desiludidos, doridos, despedaçados.

Mesmo que os vislumbreis, não correis o risco de esquecer que a sua grande infelicidade é não ter tido a graça que vós tendes, de conhecer o Sacramento do Matrimónio e as suas riquezas? Junto deles, sentis o profundo mal-estar que se sente quando se é rico no meio de uma multidão de miseráveis? Surge em vós a

pergunta: “porquê nós e não eles?”. Bastam uns anos para que nesses milhões de casais que todos os anos se fundam em todo o mundo, cujo amor à partida é radioso e transbordante de promessas, surjam a decepção, o azedume e muitas vezes o fracasso. Sim, porquê vós e não eles? Porque eles não convidaram Cristo para o seu lar, porque, por mais desconcertante que isso seja depois de vinte séculos de cristianismo, grande número de casais ainda ignora que Cristo veio salvar o amor humano ferido de morte pelo pecado, que Ele derramou o seu sangue por eles — e que esse sangue derramado é o sacramento do matrimónio que comunica aos esposos a sua virtude. É preciso que essa ignorância por parte da grande multidão dos homens e a consciência de que vós sois privilegiados vos pareça intolerável. É preciso que esta “boa notícia” da salvação do amor arda em vós, que fiquéis impacientes por a fazer passar, que façais tudo para isso. E, acima de tudo, que rezeis.

[...] Três condições, disse-nos Cristo, garantem a eficácia da oração: acreditar nessa eficácia, unir-se para rezar, dirigir-se ao Pai em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Vamos satisfazer estas condições! O que não poderemos, então, esperar destes oito dias de oração intensa! É preciso que chegue aos confins do mundo a grande notícia: Cristo veio para salvar o amor; é preciso que ela restitua a esperança àqueles que desesperam, que ela alegre os lares que se fundam, que ela multiplique os casais em que marido e mulher se ajoelham juntos, adoram juntos, dão graças juntos, se oferecem juntos a Deus e juntos se põem ao seu serviço».

(Carta mensal, Abril 1959)

Uma “Igreja em miniatura”

Partindo mais uma vez do sacramento do matrimónio, o Padre Caffarel realça o que é o casal cristão (e a família): uma “pequena Igreja”. É isto que dá à oração conjugal (e familiar) o seu verdadeiro sentido.

«Cada vez que se quer aprofundar um aspecto da vida do casal ou da família, há que voltar ao ensino da Igreja a respeito do sacramento do matrimónio. Este sacramento tem a característica de o seu sujeito não ser o indivíduo, como nos outros sacramentos, mas o casal enquanto casal. De facto, ele fundamenta, consagra, santifica esta pequena sociedade, única no seu género, que o homem e a mulher casados constituem. E é a única instituição natural que goza do privilégio de entrar na ordem da graça, de se unir, enquanto tal, ao Corpo místico. Efectivamente, isto não se pode dizer de uma nação nem de um mosteiro: os seus membros podem muito bem estar unidos ao Corpo místico, mas não o agrupamento enquanto agrupamento. Ao passo que o casal, em relação com o Corpo místico, se torna uma ramificação, um órgão desse Corpo, cuja vida o penetra e o sustenta. Ora, essa vida, bem o sabeis, tem uma orientação dupla: ao mesmo tempo cultural e apostólica.

Ao longo das páginas que se vão seguir, é este o primeiro aspecto que vai reter a nossa atenção. Partamos da noção de matrimónio cristão. Não é apenas o dom recíproco do homem e da mulher; é também o dom, a consagração do casal a Cristo. A partir de então, nesse casal que, dando-se, se abriu a Ele, Cristo está

presente; é por isso que S. João Crisóstomo lhe chama uma “Igreja em miniatura”. Esta presença, é verdade, verifica-se já quando dois ou três estão reunidos em nome de Cristo (Mt 18,20), mas no caso do casal há mais e melhor: um pacto, uma aliança, no sentido bíblico da palavra, entre Cristo e o casal. Aquilo que Yahvé dizia dantes — “Serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” —, di-lo Cristo, por sua vez, ao casal. Assim unido ao casal, presente no casal, Cristo aspira a dar graças a seu Pai, a interceder com e através dos esposos pelo mundo inteiro...

O tempo forte deste culto do casal é precisamente a oração conjugal. E à noite, quando aquele homem e aquela mulher rezam, é a oração do seu Filho muito amado que o Pai do Céu ouve, porque, no coração dos esposos, o Espírito de Cristo inspira os seus sentimentos.

Enquanto não houver elevação a esta altura, não se poderá captar bem nem promover a oração conjugal. A sua necessidade e a sua grandeza só se explicam na perspectiva do sacramento do matrimónio. Numa palavra, quando Cristo une pelo seu sacramento um homem e uma mulher, é para fundar um santuário, esse santuário que é o casal cristão, onde Cristo poderá celebrar, com o casal e pelo casal, o grande culto filial de louvor, de adoração e de intercessão que Ele veio instaurar na terra...

E a oração familiar? Rapidamente, de facto, o casal torna-se família. A oração conjugal abre-se então muito naturalmente à oração familiar. Não digo que a oração familiar substitui a oração conjugal, mas antes que a oração conjugal se abre em oração familiar. É importante esta distinção. Isso quer dizer que, para captar o significado profundo da oração familiar, é necessário partir da oração conjugal.

O casal é célula da Igreja, já o dissemos, vive da vida da Igreja: tanto para a pequena célula como para a Igreja inteira, a primeira função é o culto a Deus. Mas não esqueço que o casal tem outra função característica, específica: a procriação. Mas a própria procriação num casal cristão só se compreende bem em relação à missão cultural. Expliquemo-nos.

O grande objectivo da fecundidade, num casal cristão, é, ou pelo menos deveria ser, gerar e formar “adoradores em espírito e em verdade”, para que na terra se prossiga o culto do verdadeiro Deus. Mas, enquanto os filhos não revezam os pais fundando, por sua vez, as suas famílias, a oração conjugal associa-os a si e, graças a eles, abre-se em oração familiar, tal como a seiva no tronco passa para os ramos para que eles produzam folhas, flores e frutos. A oração conjugal podera-se dos filhos para cantar a glória do Senhor em nome do mundo inteiro. Assim entendida, a oração familiar é muito diferente de um hábito enternecedor: é realmente a actividade primeira, capital, fundamental da família cristã. É ela que distingue a família cristã de uma família não cristã. Por conseguinte, a oração familiar não será só a oração do pai ou da mãe, nem sequer a oração dos dois, nem só a oração dos filhos, mas a oração de todos, unânimes, em que ninguém é simplesmente espectador, em que cada um participa activamente».

(Carta mensal, Março 1962 — extracto de uma conferência)

Para a troca de impressões em casal

- Que é feito do nosso amor de namorados? Como é que ele ultrapassou as diferentes etapas da nossa vida? Como é que o nosso sacramento do matrimónio nos ajudou?
- O nosso casal está primeiro do que todas as nossas outras missões: pais, educadores, diaconado, compromisso na cidade etc.?
- Sabemos reservar para nós momentos de intimidade a dois: refeições, fins-de-semana...? Temos necessidade disso para o crescimento do nosso amor conjugal?
- Praticamos a oração conjugal? Sob que forma? É a que convém a cada um de nós? E a oração familiar?

Para a troca de impressões em equipa

Este capítulo coloca-nos no centro da “espiritualidade conjugal”: o caminho de santidade para as pessoas casadas é o seu casamento consagrado por um sacramento, é o seu amor transformado pela graça de Cristo.

- Estamos bem convencidos de que Cristo nos une, que Ele Se comprometeu connosco quando nos comprometemos um com o outro, que Ele caminha connosco na nossa caminhada conjugal? Que consequências práticas isso nos traz? Que sentido dá isso ao nosso dever de se sentar e à nossa oração conjugal?
- Procuramos comunicar a outros casais esta “boa notícia”? Como?

Oração na reunião (Ef 5,25-33)

É grande este mistério.

Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada. Assim devem também os maridos amar as suas mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja; porque nós somos membros do seu Corpo. *Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, unirá-se à sua mulher e serão os dois uma só carne.* Grande é este mistério; mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja. De qualquer modo, também vós: cada um ame a sua mulher como a si mesmo; e a mulher respeite o seu marido.

Para viver a entreajudá

Organizar-se em equipa para que cada casal possa viver um momento a dois.

6. CONSTRUIR A EQUIPA

A equipa está ao serviço dos casais. No nosso mundo pagанизado, um casal cristão isolado é um casal em perigo. “Porque conhecem a sua fraqueza e os limites das suas forças, mas não da sua vontade, porque sentem cada dia como é difícil viver como cristãos num mundo pagão e porque têm uma fé indefectível no poder da entreatajuda fraterna, decidiram formar equipa” (Carta das ENS). Mas a equipa só ajudará se for uma verdadeira comunidade cristã cimentada na caridade.

Êxito de caridade

A caridade, que o Novo Testamento designa com o termo grego ágape, é aquele amor que é a própria vida de Deus e que Deus comunica aos seus filhos através do baptismo. É a marca distintiva dos filhos de Deus.

«Hoje quero dizer-vos por que é que é tão importante que a caridade aumente sem cessar nas vossas equipas.

1º – Uma equipa de casais deve ser, antes de mais, uma escola de caridade. Quando alguns casais se exercitam na entreatajuda e no amor fraterno, a pouco e pouco o coração dilata-se. E, gradualmente, o seu amor estende-se à casa, ao bairro, ao país... até chegar às mais longínquas paragens.

2º – É importante construir uma Igreja em que, dia e noite, o Cristo eucarístico vá permanecer. Não é menos necessário à cristandade fundar equipas de caridade: é outra maneira de tornar Cristo presente aos homens. Onde está o amor fraterno, aí está Jesus Cristo. “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”.

3º – Presença de Cristo é também presença da Igreja. A Igreja está onde os cristãos se amam. Mas, escusado será dizer, ela só está presente numa comunidade de cristãos se essa comunidade estiver presente na Igreja, dedicada ao serviço da Igreja.

4º – É extraordinário o poder dos cristãos quando estão unidos: “Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, não-de obtê-la de meu Pai que está no Céu”.

5º – O amor fraterno é uma fonte espiritual excepcionalmente fecunda. À sua volta o deserto floresce. Dizia um pároco dos subúrbios: “Quando uma rua da minha paróquia tem muito mau ambiente, peço a dois casais cristãos que se vão instalar lá (isto era antes da guerra!) e dêem simplesmente o espectáculo do seu amor fraterno. Ao fim de seis meses, os habitantes da rua respiram um ar novo”.

6º – Um êxito de caridade fraterna é uma mensagem de Deus aos homens. A sua mensagem mais importante, a que revela a vida íntima de Deus, a sua vida trinitária. Não há discurso sobre Deus que seja mais eloquente e mais persuasivo do que o espectáculo de cristãos que “são um” como o Pai e o Filho são Um.

7º – Nada na terra glorifica mais a Deus do que um êxito fraterno, porque, já o dissemos, nada na terra se Lhe assemelha tanto.

Que seja esta a vossa preocupação constante: fazer da vossa equipa **um êxito de caridade**».

(Carta mensal, Novembro 1950)

“Reunidos em meu nome”

A verdadeira comunidade cristã é a que se reúne “em nome de Cristo”. É isto que o Padre Caffarel sublinha a peregrinação a Lourdes em 1954.

«No passado dia 6 de Junho, dia de Pentecostes, depois da conferência do Padre Féret, conversava com um de vós, nas ruas de Lourdes, de regresso ao meu hotel. O meu interlocutor — um veterano das Equipas — expressava-me a sua surpresa pela rara qualidade das relações que se tinham estabelecido no comboio, logo a partir da primeira hora de conversa, entre os vários membros da sua equipa-peregrinação, ainda na véspera desconhecidos uns dos outros. Surpreendia-se mas não percebia a razão. A explicação que lhe dei então é a que vos dou agora: talvez ela vos ajude a perceber melhor um aspecto essencial da vossa vida de equipa.

As relações humanas são de tipos muito diversos: relações de parentesco, de camaradagem, relações mundanas, relações de amizade, etc. Cada uma tem a sua nota característica, a sua qualidade própria. Há outro tipo de relações humanas, estas especificamente cristãs. O que faz a sua qualidade excepcional é o valor do que é posto em comum: não só pensamentos, gostos, sentimentos humanos, mas a vida espiritual. Cristãos que amam Cristo e confiam prodigiosamente uns nos outros a ponto de deixarem entrever neles a vida desse amor, as alegrias, os sofrimentos, as aspirações que ele gera. É isso que é tão impressionante: perceber em outros seres as vibrações da graça, os debates e os consentimentos de uma alma confrontada com a graça.

E mais. A promessa de Cristo cumpre-se: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”. Acontece, por vezes, que a misteriosa Presença se manifesta: a paz, a alegria, a luz das trocas de impressões não podem ter outra explicação.

Não é essa qualidade de amor que explica a sedução exercida à sua volta pelas primeiras comunidades cristãs? “Vede como eles se amam!”, admiravam-se aqueles que se aproximavam delas. A sua irradiação ainda hoje nos chega, vinte séculos depois.

A ambição do nosso Movimento é instaurar no seio de cada equipa e de cada casal essa qualidade de relações humanas.

Oração em comum, partilha, pôr em comum, troca de pontos de vista: outros tantos meios postos à vossa disposição para vos permitir unir-vos ao nível das almas, “em nome de Cristo”, em Cristo. Por vezes, é grande a tentação de se ficar apenas no plano da amizade humana, mas é preciso reagir incessantemente: a amizade cristã é uma conquista.

O “dever de se sentar”, a preparação do tema de estudo, são outros meios oferecidos, desta vez aos esposos, para os ajudar a também a eles unirem-se em Cristo. Apoios bem úteis. Respeito humano, timidez, avareza de coração, a vida do dia-a-dia, reivindicações da carne, são outros tantos obstáculos a essa união espiritual dos esposos. Quantos, mesmo entre os melhores, passam a vida inteira sem fazer a experiência desta intimidade em Cristo: põem tudo em comum, tudo excepto o mais precioso, a sua vida com Cristo».

(Carta mensal, Dezembro 1954)

Retomar o fôlego

O Padre Caffarel exprime todo o seu pensamento sobre o que deve ser uma equipa de Nossa Senhora e uma reunião de equipa no seu penúltimo editorial, um texto quase testamentário.

«— Gostaria de falar a todas as nossas equipas reunidas num encontro?

— Sobre que tema?

O meu interlocutor reflecte um instante, olha-me com um sorriso um pouco malicioso e responde: “Supondo que o senhor morre no dia a seguir a vir a nossa casa, que tema gostaria de ter tratado pela última vez antes de deixar o casais das suas equipas?”.

Estou grato àquele equipista por aquela resposta. Obrigou-me não só a meditar na morte mas também a fazer desfilarem no meu pensamento os temas que considero mais importantes para abordar diante de um auditório de equipistas:

- a espiritualidade conjugal: esse caminho para Deus, próprio dos cristãos casados;
- a Carta: o documento que, há 25 anos, dava ao Movimento a sua orientação espiritual, as suas estruturas e os seus métodos;
- a equipa, êxito de caridade: o objectivo de tantas equipas;
- a psicologia dos pequenos grupos: em que condições um grupo encontra a sua coesão e mantém o seu entusiasmo para atingir para o objectivo em vista;
- o aprofundamento da fé — neste tempo em que ela está tão ameaçada;
- a missão das Equipas de Nossa Senhora na Igreja de hoje.

Cada um destes temas, sucessivamente, pareceu-me impor-se como essencial. Acabei por optar por um outro. Na véspera da nossa morte, dispondo de pouco tempo e não podendo dizer tudo, é necessário um testamento espiritual, palavras que vão ao mais essencial. E decidi falar do significado cristão de uma reunião de Equipa. Passo a explicar.

A reunião mensal de uma equipa não deve ser definida unicamente pela sua estrutura, pelo seu espírito, pela amizade entre os seus membros, pelo desejo de que seja uma etapa na procura de Deus. É preciso, em primeiro lugar, reconhecer a sua substância sobrenatural e o seu mistério. De facto, é, ou devia ser, uma realidade muito diferente de uma reunião simplesmente humana. Ela compreende-se a partir dos versículos de S. Mateus: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt 18,20). “Digo-vos ainda: Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está no Céu” (Mt 18,19).

No meio daqueles casais reunidos na sala de um apartamento, está intensamente presente o Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal como ele é, com o que nele há de mau e de bom, e ansioso por o ajudar a tornar-se naquilo que Ele quer. Ele está ali como na tarde de Páscoa naquele Cenáculo de Jerusalém quando, de repente, apareceu a outros equipistas, os apóstolos. Soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo”. E eles tornaram-se homens novos. Jesus Cristo, no meio dos casais, não deixa de insuflar o seu Espírito. E aqueles que se abrem ao seu Sopro — algo que se aprende aos poucos — tornam-se os homens desse Sopro. E a reunião desenrola-se animada pelo Espírito. Àqueles homens e àquelas mulheres que, no serão de um dia árduo, chegam muitas vezes exaustos, cheios de preocupações, esse Espírito comunica a dupla paixão de Cristo: a sua impaciência pela glória do Pai e a sua ardente e doce piedade para com as multidões “que são como ovelhas sem pastor”.

O que acabei de dizer não é o que acontece sempre, mas é o que deveria acontecer. Porque uma reunião de equipa que não é, acima de tudo, esforço comum para reencontrar Jesus Cristo é uma coisa muito diferente de uma reunião de uma equipa de Nossa Senhora.

Encontrar Cristo quer dizer, em primeiro lugar, pôr-se à escuta d’Aquele que se sabe estar ali. Ele fala-nos na Escritura — por isso amamos a Palavra de Deus. Fala-nos através dos ensinamentos da Igreja elaborados, a pouco e pouco, através da sua meditação da Bíblia. Fala-nos do fundo do coração daquele irmão ou daquela irmã, mas muitas vezes é necessário perceber para lá das palavras. Fala de diferentes maneiras durante a reunião, mas é preciso ter “um coração que escuta”, segundo a expressão bíblica. Fala para fazer confidências a cada um, para revelar o Pai e o seu grande desígnio, para convidar à conversão (nunca acabamos de nos converter), fala para nos lançar em auxílio dos outros... Fala, e tem-se a impressão de que tudo isso é muito difícil de pôr em prática. Tanto mais que Ele não Se contenta com falar, mas transforma aqueles que confessam a sua impotência dando-lhes esse Espírito de Força que fez de simples aldeões da Galileia incansáveis testemunhas do Salvador.

Mas a questão principal é esta: ides aceitar tudo o que acabei de dizer para elevações piedosas e edificantes ou para a Realidade da reunião de equipa? “Far-se-á à medida da vossa fé”: o que dizia às gentes da Palestina Cristo diz-vos no início de cada reunião.

Houve um tempo nas Equipas de Nossa Senhora, e foi um tempo de grande vitalidade no Movimento, em que se falava muito daquilo a que se chamava “a pequena *ecclesia*”. Esta palavra *ecclesia* era muito apreciada porque tinha o mérito de sublinhar bem o carácter originário de uma reunião de cristãos em nome de Cristo Jesus. Não falava S. Paulo da *ecclesia* que se reunia em casa de Áquila e Priscila, esse casal a que estava tão afeiçoado?

E se alguém me perguntar o que é que permite designar pela mesma palavra *ecclesia* tanto a grande Igreja de Jesus Cristo como uma pequena reunião de fiéis, responderei, por não poder desenvolver o meu pensamento mais longamente: o pequeno grupo cristão é verdadeiramente uma célula da Igreja. Ora a célula vive da vida do corpo: em cada célula do meu corpo, toda a minha alma está presente e viva. Da mesma forma, em cada célula da Igreja, em cada *ecclesia*, a alma da grande Igreja está presente, viva, impaciente por distribuir e desenvolver todas as suas virtualidades de santificação.

Que salto em frente não dariam as nossas equipas se todas captassem plenamente estas perspectivas sobre a reunião mensal. E se as vissem».

(*Carta das Equipas de Nossa Senhora, Março-Abril 1973*)

Para a troca de impressões em casal

- Já sentimos, por ocasião de encontros das Equipas de Nossa Senhora, essa qualidade de relação de que o Padre Caffarel fala aqui? Como a explicaríamos? Vemos nela uma dimensão suplementar para a nossa própria vida de equipa?
- A participação na nossa equipa é um elemento fundamental da espiritualidade da nossa vida de casal? Reflectamos acerca do nosso desejo de ir à reunião de equipa, da nossa motivação, da nossa preparação, da nossa escuta e do nosso acolhimento dos outros, da seriedade da nossa presença, dos frutos recebidos, dos dons oferecidos.
- Temos alguma coisa a mudar para que na reunião de equipa sejamos ainda mais do que amigos, ou seja, irmãos em Jesus Cristo?

Para a troca de impressões em equipa

- A equipa, “êxito de caridade”; a equipa, “pequena *ecclesia*”... Terá a nossa equipa alguns dos traços daquela comunidade cristã ideal? Esforçar-se-á, ao menos, nesse sentido? Passemos em revista as várias partes da reunião para ver como poderemos vivê-las à luz do que foi dito acima.

- Podemos também interrogar-nos acerca da evolução da nossa equipa ao longo dos anos (sobretudo se esses anos já forem muitos) e interrogar-nos: no estádio em que estamos, que espera o Senhor da nossa equipa?

Oração na reunião (CI 12,17)

Acima de tudo a caridade

Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza: ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados. E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai.

Para viver a entreaajuda

Reconhecendo a qualidade de relação e o contributo das Equipas de Nossa Senhora, temos a preocupação de propor essa riqueza a outros casais? Todos podemos ser “informadores”.

7. VIVER A VIDA QUOTIDIANA

O Evangelho deve penetrar, a pouco e pouco, toda a nossa vida e todas as nossas actividades. Não podendo contemplar tudo — o que nos compete fazer em casal e em equipa — consideremos três áreas importantes: a educação dos filhos, o trabalho, os tempos livres.

Quem é o meu próximo?

Em primeiro lugar, a educação. Os exemplos são datados, mas a lição fundamental mantém-se.

«Fico apavorado com as falhas de educação em tantos lares cristãos, com os dramas e os naufrágios de que sou testemunha ou confidente. Longe de mim pretender que todos esses insucessos sejam imputáveis aos pais! Sinto uma profunda compaixão por aqueles que, sem terem deixado de cumprir o seu dever, são cruelmente provados nos seus filhos. Mas em muitos casos acho que é demasiado fácil e injusto deitar todas as culpas à “nova vaga”. E o tom de azedume agressivo com que tantos pais acusam os seus filhos parece-me revelar essa necessidade de fazer calar neles uma voz interior que ameaça a sua segurança.

Peço-vos, jovens casais que me ledes, não vos precipiteis dizendo: não há perigo de o nosso filho nos anunciar, por telegrama enviado da estância de desportos de inverno, estar noivo de uma jovem que não conhecemos, como aconteceu com filho dos X...; educado na rectidão e na honestidade, não há o perigo de ele se associar a um grupo de estudantes ladrões nem de engravidar uma rapariga de quinze anos e acompanhá-la ao estrangeiro para eliminar as consequências...; de a nossa filha, sem nós darmos por isso, se deixar arrastar por algum gang e não escapar senão por pouco às malhas dos proxenetas...; de o nosso filho ser desencaminhado por um indivíduo qualquer introduzido em nossa casa sem discernimento suficiente...; de a nossa filha estudante se inscrever no Partido Comunista, levada mais pela sua revolta contra a família do que por convicções...

Todos estes casos, de que tomei conhecimento nestes últimos meses, dizem respeito a casais como os vossos, quero dizer, crentes, praticantes, preocupados com o progresso espiritual e o apostolado. Não posso, contudo, deixar de perguntar a mim próprio se esses pais teriam compreendido que estavam casados **em primeiro lugar** para ter filhos e fazer deles filhos de Deus, que os seus filhos eram o seu **primeiro** próximo, que assegurar a sua educação era a sua **primeira** responsabilidade, que a educação é acima de tudo uma questão de amor.

E, mesmo tendo compreendido que era necessário amar os filhos, não terão recuado perante as exigências do amor? Terão procurado descobrir e compreender a personalidade única de cada um dos filhos — não de uma vez por todas mas dia a dia, já que cada dia todo o ser vivo é novo? E, para ajudar o

crescimento dessa personalidade, terão sabido unir a coragem de mandar, de defender, de castigar, a essa difícil arte de favorecer a eclosão e o desenvolvimento de uma liberdade? Terão sido pais presentes — refiro-me a essa presença espiritual que, preservando da solidão angustiante, dá segurança? Terão procurado manter o diálogo, não só o das vozes mas também o das inteligências e dos corações? Terão estado disponíveis no momento em que um jovem a afogar-se procurava um tronco a que se agarrar? Tudo isto exige tempo, imaginação, inteligência, carácter, coração, espírito de humildade e de abnegação. É preciso amor, um amor autêntico; ora, pensem eles o que pensarem a este respeito, o amor dos pais pelos seus filhos muitas vezes não é senão um afecto visceral, sentimental, misturado com amor próprio. E não basta que esse afecto se desdobre em dedicação, consinta em sacrifícios, recorra à oração para, na abertura mútua e na confiança recíproca, se tornar nessa intimidade de pessoa a pessoa em que consiste o amor verdadeiro.

Jovens casais, estai vigilantes, descobri os álibis, não cedei à tentação de atribuir a sentimentos nobres as vossas negligências, as vossas desistências em matéria de educação: as responsabilidades profissionais e sociais, por mais importantes que sejam, as exigências do apostolado, **nunca** justificam a demissão de um pai ou de uma mãe.

Admito que seja difícil amar verdadeiramente, que a vossa tarefa de educadores seja difícil; sei muito bem que o mal ronda os vossos filhos, “procurando a quem devorar”. Então, por que não vos apressais a ir junto de Deus, e perseverar? Há graças que só se obtêm, demónios que só se expulsam, diz-nos Cristo, com oração e penitência. “Sem efusão de sangue não há redenção”, escrevia S. Paulo. Ora, a educação cristã é uma redenção.

Que a entejuda, essa lei fundamental da vossa equipa, funcione plenamente neste domínio da educação. Se é verdade que não tendes que pôr irreflectidamente em discussão os problemas dos vossos filhos crescidos, apesar disso, ainda fica uma grande margem para essa entejuda».

(Carta mensal, Novembro 1960)

Aos pais

Mais uma vez a educação, com uma séria advertência aos pais. Mas, no nosso tempo em que a maioria das mães de família trabalha, não será ela válida também para as mães?

«Por vezes, lamentava-se que Deus, ao decidir o modo de transmissão da vida para a espécie humana, não tivesse optado pela partenogénese! Os filhos não teriam de se lamentar por não terem pai. Enquanto em todos esses lares em que o pai está moralmente ausente, eles são mais ou menos gravemente perturbados — os psiquiatras sabem disso!

Receio que haja no nosso Movimento muitos lares deste tipo, a julgar pelas confidências de esposas e de filhos crescidos.

É tão fácil para o pai encontrar boas e tranquilizadoras razões. Um trabalho profissional absorvente, de onde regressa a casa tarde e cansado, torna-lhe insuportável o barulho dos filhos e as suas perguntas que nunca acabam — sem qualquer interesse para aquele homem consciente das suas responsabilidades sociais! E o jornal, as saídas à noite e as do fim-de-semana para ir à caça, ou melhor, para ir a reuniões apostólicas... Quanto às férias grandes, essa é a vez de os filhos estarem ausentes. E mesmo que, durante alguns dias, pais e filhos se encontrem juntos, ficam em bloco, ou cada um para o seu lado, e muito raramente se vê o pai ir passear só com um dos filhos. Porventura suspeitará os dramas que, por vezes, torturam um coração ou uma consciência de adolescente?

Que estragos essa demissão do pai provoca nas almas dos filhos, mesmo quando a mãe faz tudo o que pode para a atenuar! É que a acção do pai é insubstituível para o desenvolvimento harmonioso da sua inteligência, do seu discernimento, da sua afectividade, da sua consciência, da sua vida religiosa, indispensável a uma “estruturação” equilibrada da sua personalidade humana e religiosa.

É inegável que os chefes de família têm, muitas vezes, vidas sobrecarregadas. No entanto, o filho tem um direito imprescritível à acção educadora do seu pai. De resto, penso que esta é mais uma questão de amor, de disponibilidade de coração, de espírito atento do que de tempo, é mais uma questão de qualidade de presença do que de quantidade, se assim posso dizer. Porque também conheço desses pais muito absorvidos pelas suas responsabilidades profissionais, sociais e apostólicas e, no entanto, maravilhosamente pais.

Escusado será dizer que o próprio pai é o primeiro beneficiário do cuidado que põe na educação dos filhos. Com efeito, o exercício consciencioso e cristão da função de pai é um meio excelente para progredir na renúncia e no amor. É também o primeiro apostolado.

Quando a Igreja ensina que o fim primordial do casamento é a procriação, ela fala da geração dos filhos, é claro, mas mais ainda da sua educação.

Para terminar, convido-vos a ler o texto, particularmente sugestivo, de Roger Martin du Gard, que vem no número especial de *L'Anneau d'Or*: “O Pai” [...].

“Que conheci dele?...pensava ele. Uma função, a função paterna. Um governo de direito divino que exerceu sobre mim, sobre nós, trinta anos sem interrupção; com consciência, aliás: brusco e duro, mas pelas boas razões; dedicado a nós como a deveres... Que mais conheci? Um pontífice social, considerado e temido. Mas ele mesmo, o ser que ele era quando estava sozinho em presença de si próprio, quem era? Não sei. Nunca à minha frente exprimiu um pensamento, um sentimento, em que eu tivesse podido ver algo de íntimo, alguma coisa que tivesse sido real e profundamente dele, sem qualquer máscara...

E de mim que sabia ele? Menos ainda! Nada! Qualquer colega de escola, perdido de vista há quinze anos, sabe mais de mim!... Quando nos encontrávamos diante um do outro, havia ali, a sós, dois homens do mesmo sangue, da mesma natureza, e entre aqueles dois homens, entre aquele pai e

aquele filho, não havia linguagem para comunicar, não havia qualquer possibilidade de conversa. Dois estranhos!...”».

(*Carta mensal, Maio 1963*)

O dever da competência

Depois da educação, a grande área a evangelizar é a actividade profissional. Essa evangelização supõe uma base humana que é a competência.

«Ao fim da tarde de um dia de retiro, um médico meu amigo confiava-me: “Tomei a resolução de dedicar mais duas horas por semana à leitura das minhas revistas médicas”.

Se ele até aí não rezasse todos os dias, eu teria certamente preferido que ele tivesse decidido dar à oração um lugar na sua vida. Mas não era esse o caso: o meu amigo assiste à missa todas as manhãs e, na sua vida superocupada de médico parisiense, arranja maneira de fazer todos os dias uma visita ao Santíssimo. Por isso, fiquei feliz com a sua decisão, muito mais do que se ele tivesse adoptado mais uma devoção, e felicitei-o calorosamente.

Muitos médicos, quero acreditar, lêem as revistas médicas. São levados a isso por motivos vários: ambição, amor à ciência, dedicação aos doentes. Mas o facto de a resolução do meu amigo ter sido inspirada pela fé e pela oração, isso merece uma reflexão.

Há, de facto um **dever de competência**. Muitos cristãos ignoram-no, imaginando provavelmente que a devoção chega para tudo. Num caderno da A.M.C.³, M. P. Chanson fez-nos um retrato pitoresco desses cristãos:

“Certo empresário cristão, que merecia o respeito de todos, tornou-se devoto. Mas ei-lo cioso do recolhimento monacal. A sua profissão pesa-lhe. E depois, para que serve enriquecer? Ele é inteligente, diplomata e bom orador. Insistem com ele para que aceite a presidência do seu sindicato. Meu Deus, de forma nenhuma! Seria uma ocasião de orgulho. Ele leu e releu que cinco minutos de oração valem mais do que vinte anos de vida activa. Ora, graças ao seu criterioso emprego do tempo, hoje é uma hora, amanhã serão duas, talvez três que ele poderá dedicar à oração. À parte o hábito, é um monge. Como iria comprometer a sua espiritualidade naquelas confusões que são as assembleias? Já chega que a mulher e os filhos o arranquem à meditação — e a fastidiosa monotonia dos negócios! Ah, se estivesse sozinho no mundo, contentar-se-ia com a ração diária do cartuxo. Pudesse ele consagrar religiosamente os seus. A casa como sucursal do convento, que sonho!”

São erros de conduta como este que acabam por tornar suspeitas as palavras ou as revistas de espiritualidade. Falar aos leigos de vida interior, de união a Deus

³ Association du Mariage Chrétien, associação que tinha sido fundada entre as duas guerras pelo Padre Viollet.

é, pensa-se, encorajar a esquecer as suas responsabilidades e a fugir dos seus deveres familiares, profissionais ou apostólicos. Será que quem se ocupa de Deus ainda está apto a ocupar-se das coisas da terra? Não se compreende que a vida espiritual dos leigos não consiste em brincar aos monges mas a **viver a caridade** na sua própria vida; que é precisamente essa caridade que constitui o dever de se dedicar às suas tarefas com uma competência sempre acrescida, sendo essa mesma competência uma forma da caridade.

Ser competente é, com efeito, amar os irmãos. Não praticará eminentemente o amor fraterno aquele que aplica a sua inteligência e as suas forças à descoberta dos segredos da natureza ou à elaboração de melhores leis para a cidade, aquele que se torna capaz de socorrer os corpos doentes ou de minorar o sofrimento dos homens?

Ser competente é também amar a Deus. Não O ama mais “aquele que diz: Senhor, Senhor...”, mas aquele que faz a sua vontade e colabora na sua obra. Porque Deus confiou nos homens a ponto de ter necessidade da sua cooperação: a terra não dará fruto sem o trabalho do lavrador, a criança não se tornará homem sem a educação. Mas, sem competência, lavradores ou pais não passam de colaboradores de pouco valor.

Amar a Deus é ainda prestar-Lhe homenagem. Ora, o cristão competente é, em certos meios, a única testemunha de Deus com autoridade. Onde a pregação não é escutada e a virtude não é compreendida, a competência impõe-se muitas vezes. Se uma assistente social, um agricultor ou um professor for competente, aqueles que os rodeiam, conquistados pelo prestígio dessa competência, são atraídos para a pessoa e, por vezes, para Deus presente no coração daquela pessoa. De facto, as pessoas admiram-se: o cristão não procura apenas o céu! Apaixona-se também pelos problemas sociais, pela arte, pela ciência! Será que o Deus dos cristãos se interessa de facto pelo nosso planeta, pelas nossas pequenas histórias de homens? A apologética da competência, sobretudo quando reforçada pela apologética da dedicação, pode ter sucesso onde outras falham.

Amigos, quando praticardes o “dever de se sentar”, interrogai-vos sobre o dever da competência».

(L'Anneau d'Or, Setembro 1946)

Férias: tempo forte ou tempo fraco?

Outro aspecto da nossa vida a examinar é o dos tempos livres. Estará Deus aí presente?

«Em primeiro lugar, que é isso a que se chamam férias? Eu defini-las-ia assim: o tempo de interrupção do trabalho habitual, escolar, profissional, doméstico. Daí que pareça que se os estudantes e os homens têm geralmente férias, nem sempre se passa o mesmo com as mães de família, quando elas têm tanta necessidade — por vezes mais — como os outros membros da família: observação fortuita dirigida aos maridos.

No regresso das férias, verifico muitas vezes nos pais aquilo que os professores verificam nos estudantes: uma baixa na qualidade espiritual (aqui não entendo “espiritual” no sentido estrito de vida religiosa). As energias estão frouxas.

Um aumento de vitalidade física terá como preço necessário uma diminuição de vitalidade espiritual? Isso seria uma grande decepção. Mas nada está menos provado.

De onde vem, então, essa diminuição? Será que se abandonam, por querer ou não, os exercícios religiosos habituais? Talvez, não necessariamente. Não está aí, parece-me, a primeira razão do enfraquecimento. Ela é de ordem interior: em férias dão-se férias ao amor, toma-se como regra de vida: que é que me agrada? Jogos, sono, passeios, leitura, tudo é comandado por essa lei soberana. Entendei-me bem: não é repousar, descontraír-se, fazer desporto que eu acho repreensível, é o móbil: porque me agrada. Daí a perpétua atenção a si próprio, e, logo, a desatenção aos outros; daí as preferências próprias em detrimento das preferências dos outros. Enquanto ao longo de todo o ano, em que não se pode fazer o que agrada, as pessoas se esforçam por fazer a vontade de Deus — se nem sempre vista como vontade de Deus, pelo menos sob o aspecto de dever — chegadas as férias, muda-se radicalmente de orientação. Como se, para descansar de ter amado e servido Deus e os outros durante onze meses, se pudesse finalmente amar-se e servir-se a si próprio. Dá-se férias ao amor, e o egoísmo apodera-se dessa pausa.

Aí é que está o erro. Não há férias para o amor. Não cessais de respirar durante as férias, pois não? Então, não cessai de amar; o amor é a respiração da alma.

Tendes razão em interromper as vossas tarefas habituais, mas fazei-o porque essa é uma vontade de Deus e, na medida em que o é, por amor a Ele. Que o amor se mantenha desperto, alerta, vigilante, solícito. Que o seja ainda mais do que é costume. Respirai a plenos pulmões, amai de todo o coração! A alma, tal como o corpo, tem necessidade de se refazer, de se renovar; ora é amar que recria a alma. E as férias são — ou deveriam ser — precisamente um tempo em que é mais fácil amar, amar Deus e amar os outros. Mais fácil amar Deus, porque a criação conta a glória de Deus. Mais fácil amar os outros, porque se deixou a vida ofegante e, sem pressas, se pode, juntos, descobrir, maravilhar-se, ler, falar longamente... Tempo em que é mais fácil amar; é preciso, pois, exercitar-se a amar mais, a amar melhor. Então as férias correspondem à sua razão de ser: são uma re-criação. Recriam cada pessoa. E recriam os laços entre a alma e Deus, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs. Permitem criar novos laços com os habitantes da aldeia, com os pais e os amigos reencontrados...

De regresso a casa, pode retomar-se o trabalho: a alma está mais forte, a vitalidade aumentou.

As vossas férias serão um tempo forte do vosso ano, porque fareis delas um tempo para amar».

(Carta mensal, Julho 1955)

Para a troca de impressões em casal

Poder-se-á, à escolha, tratar qualquer um dos temas (ou os três para os corajosos).

1) *Educação*

- Como concebemos a partilha das responsabilidades ou a co-responsabilidade da educação dos filhos?
- Como é que a nossa visão da educação evoluiu ao longo do tempo?
- Reflectamos sobre a nossa relação com os nossos filhos e/ou os nossos netos. Quais são as nossas aspirações para eles? Como ajudar-nos um ao outro a progredir na sua escuta? Que meios descobrir para os ajudar a crescer, em particular no plano espiritual?

2) *Dever de competência*

- Que significa para cada um de nós o dever de competência, em casa ou fora, jovens ou reformados?
- Como pode cada um de nós ajudar o outro neste campo?

3) *Tempos livres*

- Como organizamos os nossos tempos livres? As nossas férias? Quais são os nossos critérios de escolha? Cada um de nós preocupa-se com as expectativas e as aspirações do nosso cônjuge?
- Aceitaria eu dedicar uma semana de férias a uma sessão das ENS, ou a um retiro? Quer a resposta seja sim ou não, partilhemos as nossas motivações.

Para a troca de impressões em equipa

- A questão fundamental tem a ver com o nosso “estilo de vida”: ele é conforme aos valores evangélicos ou mais ou menos contaminado pelos valores pagãos? Ou seja, vivemos realmente como cristãos? Toda a nossa existência é marcada pela nossa pertença a Cristo?
- É claro que não é fácil fazer morrer o “homem velho” (isto é, o egoísmo) para nos revestirmos do “homem novo”. É um trabalho de grande fôlego. Ao menos, tendemos para isso? De que forma? Como é que isso marca todos os domínios da nossa existência: a educação, as relações, o trabalho profissional ou doméstico, os tempos livres?

Oração na reunião (Ef 4,17-24)

Viver uma vida nova.

É isto, pois, o que digo e recomendo no Senhor: não volteis a proceder como procedem os gentios, no vazio da sua mente; vivem obscurecidos no pensamento, alienados da vida de Deus, devido à ignorância que neles existe e ao endurecimento do seu coração; tornados insensíveis, a si mesmos se entregam à libertinagem, até chegarem a praticar toda a espécie de impureza, na ganância. Vós, porém, não foi assim que aprendestes, ao conhecerdes a Cristo, supondo que d'Ele ouvistes falar e n'Ele fostes instruídos, conforme a verdade que está em Jesus: que deveis, no que toca à conduta de outrora, despir-vos do homem velho, corrompido por desejos enganadores; que vos deveis renovar pela transformação do Espírito que anima a vossa mente; e que deveis revestir-vos do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, na justiça e na santidade, próprias da verdade.

Para viver a entreajudá

Ao nível do pôr em comum, insistir mais nos valores evangélicos que motivam as nossas escolhas e os nossos compromissos.

8. PREOCUPAR-SE COM OS OUTROS

Toda a vocação é acompanhada de uma missão. E as riquezas que recebemos — materiais ou espirituais — são feitas para serem partilhadas. O cristão, tal como Cristo, preocupa-se com os outros. Não se fecha em si mesmo para gozar egoisticamente do que tem, mas abre-se, acolhedor e atento, aos outros. Vive e trabalha unido a Cristo “para glória de Deus e salvação do mundo”.

Ricos

Sob muitos pontos de vista, somos privilegiados — mesmo se muitos de nós se sentem mais ameaçados do que antes pelo flagelo do desemprego e da instabilidade. Mas, se estamos resguardados, pensamos nos outros que não estão?

«Em resposta ao meu editorial no nº 20 de *L’Anneau d’Or* (“Inquiétude”), recebi esta carta: “Sou o tipo de assinante passivo, a-mãe-de-família-demasiado-ocupada-para-escrever! Mas, desta vez, reagi violentamente ao ler o seu artigo.

“A vossa falta de inquietação inquieta-me”, diz o senhor. Mas, Senhor Padre, a inquietação corrói-nos; é esse o termo. O mundo está aí à nossa frente, tão cheio de miséria, como poderemos sentir-nos em paz? Haverá tanta gente que vive feliz, contente, no seio da sua tranquila comunidade familiar onde nada falta, onde se está confortavelmente entre pessoas que se amam e que são agradavelmente ‘bem educadas’? Eu pensava realmente que isso era de outros tempos. Por mim, acho tão difícil conseguir alguns momentos de paz e de quietude. Aí pomos a cabeça entre as mãos e dizemos: ‘A minha posição social, a minha fortuna adquirida justamente (e bem relativos), foi o bom Deus que as quis; de resto, não sou generoso de acordo com os meus meios?, etc. etc.’, e lá vamos com um pouco de tranquilidade. Mas não por muito tempo. Uma pedinte bate à porta (uma profissional, certamente, não lhe devo nada... Ah! E se ela tiver filhos enregelados em casa?... Os meus estão tão contentes à volta da lareira — Plano providencial, a sua miséria, o meu conforto? — tudo fica virado ao contrário). Ou então é um testemunho do Padre Depierre, um livro de Van der Meersch que nos cai nas mãos: a miséria está ali, espreita-nos, estraga o nosso conforto, vira do avesso as nossas perspectivas razoavelmente estabelecidas; já não há maneira de ser feliz; e o pior é que o saco de carvão ou o dinheiro não apaziguam. Não, Senhor Padre, ajude-nos antes a encontrar a paz. A paz que vem da caridade — (como vê, condeno-me a mim própria; já sei, tudo vem da falta de amor). Qual é o nosso lugar, de burgueses ricos (ou supostamente), nesta miséria do mundo? Estas desculpas (plano providencial, etc.) não serão fúteis? Pergunto a mim própria muitas vezes se a sua revista feita para nós e que compreende tão bem os nossos problemas e nos ajuda não faria por vezes melhor se mandasse passear todos esses problemas e nos abanasse, pregasse a pobreza, a caridade, o amor perfeito que despoja. Pergunto a mim própria se, unidos nessa intensa caridade, não veríamos melhor a insignificância desses problemazinhos conjugais que tanto nos ocupam.

Termos consciência de que somos pouca coisa, pecadores, indecisos, inquietos, agitados, tristes por ver o mal sem ter a coragem de o remediar. Agora que tentou inquietar os tranquilos, não poderia apaziguar os inquietos? É tão grande esta angústia. Seria tão simples estar tranquilo!”.

Como isto soa a cristão!

É por esta inquietação, captada com muita verdade e energia, que se reconhece o discípulo de Cristo. Perante a miséria do mundo, ele descobre a sua riqueza e inquieta-se: porquê eu, por que não eles?

Como sois ricos, vós a quem me dirijo! Mesmo se não tendes fortuna material. Ricos da vossa cultura, da vossa educação, das vossas relações, das vossas amizades, dessa família onde há amor. Ricos do bem infinitamente ainda mais precioso da fé, da graça...

E, à vossa volta, uma terrível pobreza: corpos famintos, corações famintos, almas famintas.

Sois perseguidos por esta pergunta: porquê eu, por que não eles? Sois perseguidos pela vontade de partilhar? Dir-me-eis “Eles não vêm pedir”. De verdade? Credes que é a eles que compete deslocar-se?».

(Carta mensal, Maio 1948)

Uma palavra suspeita

A palavra “espiritualidade” levanta problemas. Convém não se enganar acerca do que ela significa. Certamente não é a fuga no sonho.

«A quem vos perguntar: “Que são as vossas Equipas de Nossa Senhora” responderéis certamente: “Grupos de espiritualidade”. As reacções suscitadas por esta definição, como tereis observado, são muito variadas. Nem todas são de interesse ou de simpatia. Por vezes, é um simples sorriso, aquele que se dá a um simples maníaco, muito inofensivo mas perfeitamente inútil aos seus semelhantes, quando admite coleccionar moedas romanas, autógrafos ou escaravelhos... Às vezes, ouve-se dizer: “Eu não sou místico. Já me chega ser bom cristão: estou demasiado ocupado com as minhas tarefas profissionais, familiares, sociais... para me ocupar ainda de espiritualidade!”. Outras vezes, é um verdadeiro escândalo: “Fugir assim do que é temporal, isso não é trair? Quando tantas aflições exigem a dedicação de todos, quando se prepara uma civilização nova — que se construirá contra nós, se não se edificar connosco”.

Estas reacções têm a ver com um grande desprezo. Uns parecem assemelhar a espiritualidade a um passatempo, a uma arte recreativa! Outros, embora dando-lhe mais consideração, não vêem nela senão a ciência da oração e da virtude: nem lhes passaria pela cabeça que a espiritualidade possa ter alguma relação com as responsabilidades familiares, profissionais ou cívicas... Tanto uns como outros ignoram o que é exactamente a espiritualidade.

Como dissipar os equívocos?

É, sem dúvida, necessário precisar o que a palavra *espiritualidade* designa.

A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e dos caminhos que levam ao seu pleno desenvolvimento.

Ora, a vida cristã integral não é só adoração, louvor, ascese, esforço de vida interior. É também serviço de Deus, no lugar destinado por Ele: família, profissão, Cidade... Os casais que se juntam para se iniciarem à espiritualidade, longe de procurarem meios para fugir do mundo, esforcem-se por aprender como, a exemplo de Cristo, servir a Deus, em toda a sua vida e em pleno mundo».

(Carta mensal, Junho 1950)

O apostolado dos leigos

Com o Concílio Vaticano II, o apostolado dos leigos é posto em primeiro plano.

«O dever e o direito ao apostolado advêm aos leigos da sua mesma união com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos pelo Baptismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado. São consagrados em ordem a um sacerdócio real e um povo santo (cf. 1 Pe 2,4-10) para que todas as suas actividades sejam oblações espirituais e por toda a terra dêem testemunho de Cristo. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam neles aquele amor que é a alma de todo o apostolado».

«Convidava-vos, há pouco, a ler e a meditar os textos conciliares. Há um que vos diz directamente respeito, aquele que acabei de citar: o Decreto sobre o apostolado dos leigos. Um verdadeiro filho da Igreja deve sentir-se instado não só a lê-lo e a estudá-lo mas também a confrontar o seu pensamento e a sua vida com este documento. E a tirar desse confronto conclusões leais e vigorosas, porque “as condições actuais exigem deles [dos leigos] absolutamente um apostolado cada vez mais intenso e mais universal”.

Não se pode dizer que os textos conciliares sejam sempre de leitura fácil para quem não tem formação teológica, mas este está ao alcance dos leigos. No entanto, só um sério esforço de atenção e de reflexão permite captar toda a sua riqueza. E também avaliar todas as suas exigências, exigências que, de resto, não são senão as do Evangelho, expressas e traduzidas pelo decreto para os cristãos de hoje.

O nosso Movimento nos próximos meses [*estamos em 1966*] ajudar-vos-á a penetrar cada vez mais profundamente na inteligência deste documento fundamental. Fá-lo-á com uma eficácia muito maior se o texto vos for familiar, se tiverdes reflectido nele marido e mulher (e com os vossos filhos crescidos), se o tiverdes analisado em equipa.

Esperam-vos ricas descobertas, garanto-vos».

(Carta mensal, Abril 1966)

Para a troca de impressões em casal

- Devemos interrogar-nos acerca da nossa preocupação com os outros. Como é que ela se traduz concretamente na nossa vida? Certamente não podemos remediar toda a miséria do mundo. Os nossos meios são limitados. Mas teremos essa orientação do coração que nos torna atentos às aflições que nos são próximas? Somos inventivos para as socorrer ou levar-lhes conforto? Além disso, muitos organismos caritativos solicitam o nosso dinheiro (ou, por vezes, a nossa colaboração mais directa): é impossível responder a todos. Mas damos do nosso tempo, do nosso saber, da nossa competência? Quais são os nossos critérios de escolha? Tomamos as nossas decisões em casal?

Para a troca de impressões em equipa

- Temos consciência da responsabilidade apostólica que nos cabe pelo nosso baptismo e pela nossa confirmação? De que forma a exercemos? Lemos os textos do Concílio Vaticano II a este respeito? Analisámo-los em casal e em equipa? A que apostolado específico o nosso sacramento do matrimónio nos torna aptos? Etc.

Oração na reunião (1 Cor 9,16.19-23)

Fazer-se tudo para todos.

Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!...

De facto, embora livre em relação a todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número. Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei — embora não estivesse sob a Lei — para ganhar os que estão sujeitos à Lei; com os que vivem sem a Lei, fiz-me como um sem Lei — embora eu não viva sem a lei de Deus porque tenho a lei de Cristo — para ganhar os que vivem sem a Lei. Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo. E tudo faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante.

Para viver a entreaajuda

Não será tempo de dar destino ao bolo da equipa? Em cada reunião, cada um deposita nesse mealheiro, seguindo o seu coração e de acordo com as suas possibilidades, a quantia que entende. As somas acumuladas ficam assim

disponíveis para ajudar os membros da equipa: participação em encontros das ENS, em sessões, ajuda a um casal em dificuldades, dádivas...

Ó Tu que estás em mim...

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
deixa-me ir ter contigo
no fundo do meu ser.

Ó tu que estás em mim no fundo do meu ser
adoro-Te, meu Deus
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
Louvado sejas Tu
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
entrego-me ao teu amor
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
guarda-me de todo o mal
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
que surja a tua alegria
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
faz-me viver de Ti
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
eu quero o que Tu queres
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
reúne o universo
no fundo do meu ser.

Ó Tu que estás em mim no fundo do meu ser
glória ao teu santo Nome
no fundo do meu ser.

BIBLIOGRAFIA

As obras do Padre Caffarel estão esgotadas. A editora Éditions du Feu Nouveau, que ele tinha criado e na qual todos os seus livros foram publicados, deixou de existir. **Por isso, essas obras só se encontram em segunda mão.** No entanto os detentores dos direitos do Padre Caffarel decidiram reeditá-los a pouco e pouco. É assim que *Présence à Dieu. Cent lettres sur la prière* e *Aux carrefours de l'amour* estão de novo no mercado. Para as restantes obras, indicamos apenas a data de publicação.

Obras do Padre Caffarel:

Présence à Dieu. Cent lettres sur la prière, Éditions Parole et Silence, 2000 (Tradução portuguesa : *Na Presença de Deus, cem cartas sobre a oração*, Lucerna e Equipas de Nossa Senhora, 2008).

Aux carrefours de l'amour, prefácio de Xavier Lacroix, Éditions Parole et Silence, 2001 (Tradução portuguesa : *Nas encruzilhadas do amor*, Lucerna e Equipas de Nossa Senhora, 2008).

Propos sur l'amour et la grâce, 1954.

L'amour plus fort que la mort, com A.-M. Carré, L. Lochet, A.-M. Roguet, 1058.

Th. R. Kelly, *Mon expérience de Dieu*, introdução de Henri Caffarel, 1970.

Amour, qui es-tu ? Grandes pages sur l'amour d'écrivains contemporains présentées par Henri Caffarel, 1971.

Nouvelles lettres sur la prière, 1975.

Le Renouveau charismatique interpellé, études et documents (com J.-C. Bouchet), 1976.

Cinq soirées sur la prière intérieure, 1980 (Tradução portuguesa : *Oração Interior*, Apostolado da Oração, 1989).

Camille C. ou l'emprise de Dieu, 1982 (Tradução portuguesa : *Camille C.*, Possuída de Deus, Apostolado da Oração, 1992).

“*Prends chez toi Marie, ton épouse*”, 1983.

Dieu, ce nom le plus trahi, 1987.

Les Équipes Notre-Dame, Essor et mission des couples chrétiens, Équipes Notre-Dame, 1988.

Para conhecer melhor o Padre Henri Caffarel :

Henri Caffarel — Un homme saisi par Dieu, biographie rédigée par Jean Allemand, Équipes Notre-Dame, 1997 (Tradução portuguesa : *Henri Caffarel, um homem cativado por Deus*, Lucerna e Equipas de Nossa Senhora, 2007).

Prier 15 jours avec Henri Caffarel, fondateur des Équipes Notre-Dame, Jean Allemand, Nouvelle Cité, 2002 (Tradução portuguesa : *Rezar 15 dias com Henri Caffarel*, Paulus, 2003).

ÍNDICE

Introdução	3
Plano do tema	5
1. Desejar	7
2. Alimentar-se	15
3. Rezar	25
4. Lutar	35
5. Construir o casal	43
6. Construir a equipa	51
7. Viver o quotidiano	61
8. Preocupar-se com os outros	73
Bibliografia	83